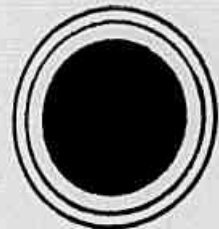
ANNO VI N. 287
RIO DE JANEIRO, 26 DE AGOSTO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

LUPE VELEZ

cinearte

OLGA VALERY
CINEARTE

JOAN!

OS espanhois da America são ciosos de sua lingua, mais ou menos parecida com o castelhano, tanto como o português do Brasil se parece com o português que se fala em Portugal.

Daí, desde que começou a difundir-se o Cinema falado, um grande subresalto sobre a sorte do idioma, sobresalto que se corporificou em leis, revoluções, atos administrativos e uma tremenda campanha de imprensa contra a possivel desapropriação do espanhol e sua substituição pelo inglês dos *yankees*, muito diferente tambem do inglês da Inglaterra.

Acreditar na possibilidade duma desapropriação por efeito do film falado é fazer muito pouca conta das tradições nacionais e do espirito patriotico das várias populações ispano-americanas.

Cremos que no Brasil ninguem jamais se lembrou da possibilidade de substituirmos o nosso português da America pelo inglês dos Estados Unidos, por influencia do Cinema sonoro nem por outra qualquer influencia.

O sr. Fernando Rondou no Hollywood Bulletin de 25 de Abril profetiza essa desapropriação do linguajar iberico.

"O grande trabalho de Ispano America, diz êle, é a organização de sua cultura. Vários obstaculos a isso se opõem. Temos que juntar a êsses fatores um de corrosividade tremenda e vastissimo raio de ação. Referimo-nos aos *films falados em inglês*.

"Até aqui os atentados se dirigiram unicamente contra nosso patrimonio fisico, contra nossa liberdade economica. Para a nossa época estava reservada essa agressão formidavel contra o nosso espirito e contra o nosso idioma que apesar das diferenciações regionais é o mais poderoso elemento unitivo de nossa cultura.

"E o ataque tanto mais perigoso tem sido, quanto o agressor contava anticipadamente com a complacencia de muitos nossos infelizes *snobs*, com o romantismo de nossa população feminina e com a passividade dos elementos oficiais.

"A invasão das peliculas faladas em inglês despertou um imoderado desejo de conhecer essa lingua e ainda para usá-la em locuções familiares. Seria plausivel êsse esfôrço, se os nossos povos a pudessem aprender sem corromper e turvar a propria.

"As tristes experiencias, porém, do Panamá e dos Estados mexicanos de Sonora e Chihuahua provam o contrário.

"Em brevissimo tempo a formosa lingua castelhana falada mesmo pelas gentes rudes do periodo colonizador, como consta de tantas obras primas do humano engenho, converteu-se em uma incompreensivel geringonça, metade castelhano, metade yankee."

Depois de passar tremenda descalçadeira na civilização dos Estados Unidos, continúa: "Com uma rapidez de turbilhão acentua-se a diferença entre o yankee e *nós outros que somos europeus*, posto que nascidos na America.

"Nada temos que aprender dos Estados Unidos. Sua cultura não é a nossa e pode desviar e complicar nosso porvir. As novas gerações americanas cada vez se tornam mais primitivas, mais de nós se afastando.

"Só a perder nossas possibilidades e a consumir nossa cultura em estereis deliquecencias pode pois levar-nos a cultura yankee.

"O efeito dos films em inglês é tão danoso para nossa lingua que breve nosso vocabulario e nossa sintaxe, riquezas de profundo valor historico, cobrir-se-ão de cinzas até ficar absolutamente irreconhecivel para quem gosou já a harmonia arredondada de seus periodos, a liberrima construção de sua frases, graça e fôrça plastica.

"Que atitudes assumir. Delicada questão essa demandando sagacidade e criterio pois que a sua solução deve ser no sentido de libertar nossos povos do freio e da escravidão yankees."

Até aqui o articulista, cremos mexicano.

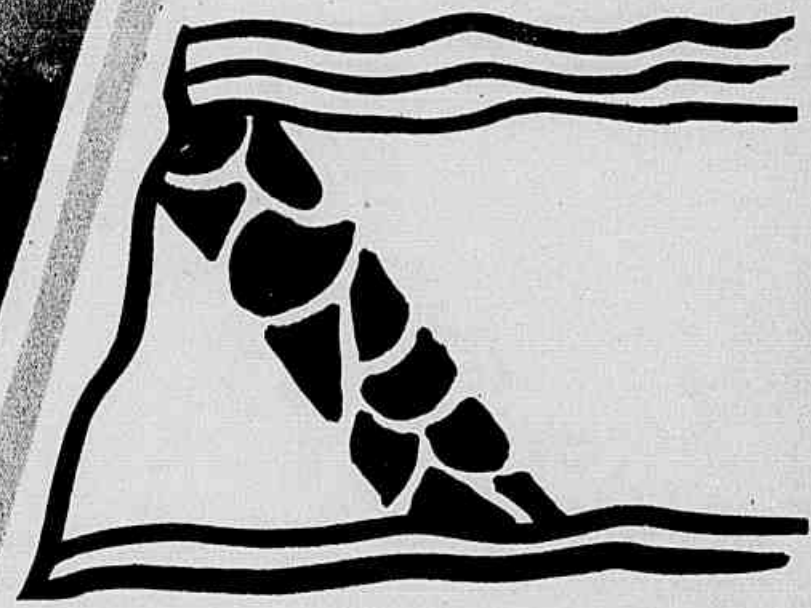
A gente lê, lê e fica sem acreditar na possibilidade de existir gente tão idiota nêste mundo.

Em tempos o nosso conhecido Paul Claudel escreveu um artigo demonstrando que o film americano, depois da guerra, com a sua ingenuidade, as suas revelações de saúde, de fôrça, de higiene, de confôrto, de vida enfim, salvara a Europa do bolshevismo.

Foi um Deus nos acuda. Paul Claudel levou pancada de crear bicho. Mas depois, aquêles mesmos que o atacaram renderam-se aos seus argumentos.

Agora apareceu-nos êsse Rondon ao norte a berrar contra a *yankeeização* da America Espanhola, e diz que somos europeus. Europeus?

O nosso dr. Jacarandá já começou um dos seus discursos, afirmando gravemente: Nós, os latinos...

Êsse Rondon quando menos é bobo.

CARMEN
SANTOS

CARMEN SANTOS,

estrela do film brasileiro "Onde a terra acaba"

Se você

"Se você jurar... que me tem amor! E' a classica pergunta que se faz ouvir na baratinha veloz, passeando pela elegancia de nossas praias. Que se faz ouvir nas noitadas de "cabaret", entre champagne e ao som dos tangos. Mas que se faz ouvir tambem, no suburbio, dirigida baixinha e abafada, á pequena ingenua que se oculta na penumbra da janela... O "Se você jurar..." certo de ouvir em resposta a jura de amor... As respostas que são um verdadeiro "big parade", vindas dos mais diversos e variados labios femininos. Labios pintado, mundanos e falsos ou ingenuos, puros e imaculados, todos dando a mesma e esperada resposta, todos sempre sinceros, mas todos sempre enganados pelo impetuoso e ardente interrogador, o boemio incorrigivel, que não conhece obstaculos para conseguir o que deseja, que canta o "Se você jurar..." e não procura a alma, mas sim o corpo das mulheres...

Milton Marinho é assim. Cantar o "Se você jurar..." é um ábito seu, e esta canção diz bem como êle é. Milton Marinho, não conhecem? E' um dos mais promissores astros da Cinédia, sendo que suas fotografias publicadas nas páginas desta revista despertaram imensa curiosidade e interesse, tornando-se um nome querido dos "fans", mesmo sendo um astro sem film.

Miltom tem um tipo atletico, simpatico e fotogenico de sobra. E' desses artistas possuidores de uma personalidade que não lembra, absolutamente, nenhum outro. Seu todo é serio e sobrio. Tem desenvoltura viril, desembaraço masculo. Apesar de que dizem, êle não é nada "poseur" nem vaidoso. A pose que tem é espontanea, natural. E' em suma, um tipo viril, alto, forte, sadio, impetuoso e repleto de mocidade. Apesar da sobriedade tambem sabe ser jovial, divertido e simpatico.

Milton é mesmo êste tipo de "galã-vilão" de hoje, boemio, conquistador e ousado. Não é nenhum modelo de "principe encantado", para creaturas sentimentais. E' todo realidade. E sua personalidade não está velada por uma mascara facial diferente. Seu fisico coincide bem com ela,

Milton Marinho é um bom elemento e um tipo admiravel, por isto a Cinédia ao organizar o elenco de "Mulher...", escolheu-o lógo para um papel que só êle mesmo poderia interpretar. Um papel tal como já falamos acima, conquistador ousado, "gosador da vida", "pirata" como diz o vulgo. Milton está esplendidamente dentro dêste papel, que parece ter sido feito especialmente para êle. E' um dos que estão mais bem adatados no film. Porque o papel é do... amor, e com Milton na interpretação a influencia do "Se você jurar..." se faz sentir! Em "Mulher...", como êle mesmo declara, "viveu" sua parte. Terminado seu trabalho em "Mulher...", a Cinédia acaba de colocá-lo com outro importante papel, em "Ganga bruta" sua atual produção, dirigida por Humberto Mauro. Aí Milton vai revelar outra faceta de sua personalidade. O conquistador ousado, o boemio incorrigivel, o amador de sensações, interpretará neste film um papel viril, rude, arrojado, um papel da força e da violencia. Mas interpretará tambem cenas ardentes de paixão, romance e amor!

En con tra mos um dia dêstes no studio da Cinédia, Milton Marinho, quando preparava-se para ser fotografado em diversos "stills" de "Ganga Bruta" ao lado de Durval Belini, seu companheiro no film. Tendo em mente uma entrevista, aproveitamos o momento para fazer-lhe uma serie de perguntas. A primeira que fizemos foi:

— Diga-nos, Milton, está contente no Cinema Brasileiro?

— "Tanto no Cinema Brasileiro quanto na Cinédia, sinto-me o melhor possivel, respondeu-nos. Sempre acreditei na vitória do nosso Cinema, e agora mais do que nunca! Beseio esta minha convição na Cinédia. Com "Labios sem beijos" ela já mostrou o que se póde fazer, e o que será o Cinema do Brasil, futuramente. E' uma organização excelente e firme á qual sinto-me orgulhoso em pertencer."

— Fale-nos agora um pouco sobre seu 1.º film.

— "Mulher..."? Só o seu titulo diz tudo! Tenho a certeza que será mais uma gloria para o Cinema Brasileiro, e um film que revolucionará o nosso meio cinematografico. A sua organização foi cuidadissima, sua direção idem e sua parte tecnica mais ainda. Tem um elenco brilhante adatado a bons papeis por seu diretor, Otavio Mendes. Carmen Violeta, Ruth Gentil, Gina Cavallieri, Alda Rios, Celso Montenegro, Luis Sorôa, Carlos Eugenio, Ernani Augusto e muitos outros.

Meu papel é pequeno mas sinto-me nêle perfeitamente á vontade. E' um papel do... amor...! Não o interpretei "vivi"! Póde crer que todas a scenas que fiz ao lado de Carmen em "Mulher..." senti e amei como se estivesse vivendo"!

— O que pensa você da vida?

— "Amo a vida. E ela poderia ser muito melhor do que é, se soubessemos aproveitá-la, e a seus prazeres, como deviamos."

— O que mais aprecia, na vida?

— "O amor, a mulher os esportes... O amor interessa-me muitissimo. Amo sempre. A mulher é o enigma mais interessante e sedutor do mundo. Gosto de decifrá-lo sempre! Meu tipo preferido? Qualquer um. As louras são fascinantes; as morenas embriagantes; as ruivas sedutoras...

Meu esporte favorito é o remo. Sou um entusiasta dêle. Mas tenho tambem predileção pela natação, o tennis, o "basket ball" e outros. E' bom não esquecer outro esporte que aprecio: o "flirt"! Otimo!

Acho a felicidade uma questão que só o Destino resolve. O casamento um ato extremamente grave e perigoso, que exige muita reflexão."

— O que mais aprecia numa pessoa?

— "Num homem a franqueza. Numa mulher a sinceridade e a formosura."

— O que você acha da amizade?

— "Não creio nela."

— Qual sua maior ambição?

— "Tornar-me um bom artista do Cinema

Humberto Mauro mostra ao Milton o local para onde vão filmar "Ganga Bruta"

Com Durval Belini, seu companheiro em "Ganga Bruta"

Brasileiro." Milton Marinho prefere Cinema ao Teatro. Já foi diversas vezes convidado para aparecer no palco mas não tem aceitado por não sentir por êle grande atração. Só Cinema o interessa. Considera o Cinema uma arte e uma industria. Não admira o Cinema falado em linguas estrangeiras. Sobre o Cinema falado em brasileiro assim se exprime:

— "Acho que se os films brasileiros falassem, seria excelente! Creio mesmo que no Cinema brasileiro ficaria com um futuro cheio de boas possibilidades, pois não tenho má voz."

O genero de films que mais aprecia para interpretar é o genero forte e violento cheio de emoções como em "Ganga bruta". Gostaria, porém, de aparecer numa história militar no estilo de "Sangue por gloria", ou num film como "Provando a minha correção" com Victor Mac Laglen.

O que Milton mais aprecia num film é a direção. Num artista é a fotogenia e o fisico. O maior espirito do Cinema Americano em sua opinião é Ernst Lubitsch. Sua estrela favorita é a morena Joan Crawford. Ator, John Barrymore e dos films que viu, destaca "Patrulha da madrugada" "Sem novidade no front" e "Carne e diabo", como excelentes.

No Cinema Brasileiro seus diretores prediletos são: A. Gonzaga e Humberto Mauro. O film que mais admirou foi "Labios sem beijos" e como artistas destaca entre muitos, Celso Montenegro, Carmen Violeta, Alda Rios, Ruth Gentil, Ernani Augusto e outros.

A artista que êle mais desejou para sua companheira num film, foi Carmen Violeta, desejo este já satisfeito em "Mulher...". No Cinema Americano Lupe Velez, e no Brasileiro, Alda Rios e Ruth Gentil são outras duas com que muito desejo trabalhar.

— As artistas pequenas e mimosas têm a minha preferencia" disse-nos êle. Perguntamos-lhe em seguida se gostava de cartas de "fans".

— "São interessantissimas e repletas de curiosidades, retorquiu-nos. Mas não costumo respondê-las."

— Diga-nos algo sobre seu novo film.

— "Meu novo film é "Ganga bruta", tambem da Cinédia, dirigido por Humberto Mauro. As suas filmagens já foram iniciadas aqui no Rio e estou entusiasmadissimo com este novo papel, esta minha segunda oportunidade. "Ganga bruta" será uma nova sensação. Apresentará tambem um elenco otimo: Lú Marival uma esplendida descorberta, loura e interessante; Ruth Gentil que figura em "Mulher..." e Durval Belini, um tipo admiravel. E outra sensação será a seguinte: partiremos breve, todo o "unit" de

Milton Marinho e Carmen Violeta em "Mulher"

JURAR...

"Ganga bruta", para a Amazonas afim de lá filmarmos as sequencias mais importantes e emocionantes do film, sequencias estas que terão como "back ground" as esplendidas paisagens do vale Amazonas. "Ganga bruta" revelará assim muito do encanto do Brasil, o que é aliás do programa de Cinédia.

Tenho, assim como todo o elenco, inteira confiança tanto na Cinédia quanto em Humberto Mauro. Creio que farão um film bom, que marcará mais um passo no progresso do Cinema Brasileiro."

* * *

Ai vai mais alguma cousa sobre Milton Marinho: nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 29 de Setembro de 1907. E' um dos melhores remadores do club a que pertence. E' naturalissimo representando ante a camera, e gosta de trabalhar com bastante gente assistindo. Cremos até que representa com mais desenvoltura e desembaraço no meio de uma grande assistencia! Seu trabalho em "Mulher..." já tem sido apreciado através dos "rushes" exibidos: é é naturalissimo e otimo.

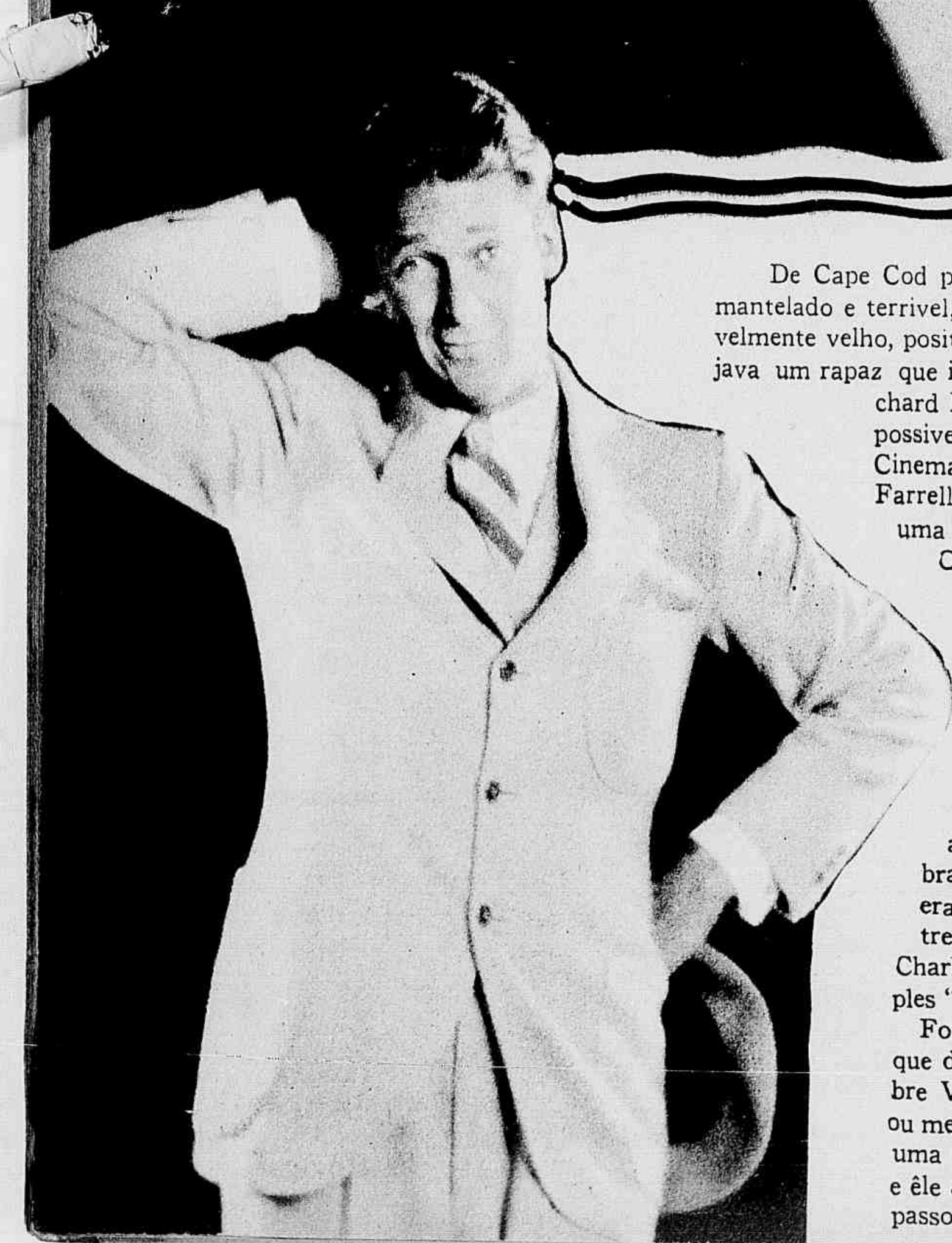
"Mulher"... é um film que possue um elenco de... "ladrões"! Um dos mais perigosos dêles todos, é sem duvida alguma Milton Marinho!

* * *

Sob a direção de Léonce Perret, Tania Fédor vai filmar "Aprés l'amour", de Henri Duvernois e Pierre Wolff.

* * *

A Gaumont está em negociações com a Klangfilm de Berlim, para fazer films falados na Alemanha.

Milton e Alda Rios.

De Cape Cod para Hollywood, todo desmantelado e terrivel, ia um Ford que era visivelmente velho, positivamente gasto. Nele viajava um rapaz que ia admirar Tom Mix, Richard Barthelmess e outros e, se possivel, tambem entrar para o Cinema. Chamava-se êle Charles Farrell e era o filho mais velho de uma familia de Cape Cod.

O seu primeiro papel foi numa cena de baile no Studio da Universal. Vestido e "maquillado", achava-se êle proximo ao local da filmagem e conversava com outros rapazes do "set". Foi ali que surgiu, deslumbrando, uma criatura que era linda e fascinante e "estrelava" o film para o qual Charles Farrell fazia um simples "extra"...

Foi o primeiro olhar, esse, que deitou Charles Farrell sobre Virginia Valli. Era, mais ou menos, o gato olhando para uma rainha... Ela tinha fama e êle apenas dava os primeiros passos. Nada mais era possivel esperar aquêle "extra" daquela criatura que tão longe estava, a não ser um dia te-la mais perto para poder dizer-lhe, então, qual fôra essa sua primeira impressão.

A propria Virginia Valli não se recorda bem desse primeiro encontro no "lot" da Universal. Ela estava casada e, sem duvida, era infeliz. Além disso era "estrela" e tal cargo dava-lhe muito trabalho e pouquissimo tempo para prestar atenção ao que quer que fosse que não cheirasse a trabalho e mais trabalho. Para ela a vida não sorria

Historia de

e tudo tinha sabôr amargo. O primeiro olhar de Charles Farrell, portanto, é alguma cousa que a deve ter deixado satisfeita, quando o soube, contado por êle, tempos depois, pois naquêle tempo ela nem siquer sabia que êle se achava entre os "extras" todos daquela cena.

O mundo anda, sem duvida, mas Hollywood quasi anda mais depressa do que o mundo...

Encontraram-se Virginia Valli e Crarles Farrell no Studio da Fox...

Mas Charles não era mais um "extra"...

um AMOR

Ele era um "astro" de primeira grandeza. Acaba de exibir-se "Setimo Céu" e o seu sucesso era incondicional. Virginia, por sua vez, não era mais "estrela" e nem casada. Havia deixado o marido, ha tempos, não mais suportando as suas brutalidades e ali se achava aceitando os trabalhos que porventura lhe dessem. Alguem os apresentou. Ela sorriu, sem interesse maior. Mas êle ficou pasmo e de olhar parado. Era o calôr da sua recordação daquêle dia de filmagem que ainda aquecia seu cerebro, e o fazia lembrar... Para os olhos dela, entretanto, nada mais êle era do que um estranho...

Nesse primeiro encontro êle procurou lhe dizer o quanto a admirava e o quanto a queria. Faltaram-lhe as forças para tanto e embora ela sentisse simpatia pelo rapaz, não conseguiu compreender o quão grande era a estima que êle já lhe votava.

Nessa época, Virginia Valli dava toda sua atenção a um homem de idade madura que julgava amar. Era mais um motivo para que a juventude, berrante de Crarles Farrell não entrasse positivamente nas suas cogitações.

O casamento de Virginia Valli fôra, para ela, um tremendo golpe. Ela é muito sensivel, muito delicada. Aquilo foi bruto demais para que ela não sentisse e não guardasse. Anciava cicatrizar essa ferida e pensava que o casamento com aquêle homem sensato, forte e bom fosse o lenitivo maior da sua vida. Não pensava em Charles Farrell.

Foi bem por isso que Virginia fez-se ainda mais linda do que era e poz-se mais fascinante do que jamais estivera. Poucas são as mulheres que conhecem o conforto, a segurança, a alegria e a tristeza de viver antes dos trinta anos. Virginia Valli ainda estava longe dos trinta e já conhecia, no entanto, todas essas fazes da vida... Um fato cooperava para que não fosse tão intenso o pronto amor que Charles sentisse por Virginia e o dela por êle. E' que Charles estava cheio da sedução de Janet Gaynor, com a qual acaba de trabalhar e a qual supunha amar. E' que o film que fizeram era tão espontaneo, tão verdadeiro, que acabaram trocando, fóra da téla, os mesmos beijos que a "camera" registara... Viviam, para todos os "fans", portanto, um romance que era uma especie de Romeu e Julieta seculo presente. Mas o que entre êles havia e até hoje ha, era apenas uma grande e profunda amisade. Nunca brigaram, nunca disputaram a primazia, nos films que juntos fizeram e dão-se ás maravilhas. O casamento dela com Lydell Peck foi a unica cousa que convenceu ao publico de que Janet não amava Charles Farrell e, sim, estimava-o... Si ha alguma cousa além disso não sabemos. A sinceridade de ambos não permite sofismas. Charles confessa que nunca amou Janet mas que a quer muito. O mesmo com ela, ainda agora, que ambos estão casados com criaturas diferentes.

Por ocasião do casamento de Janet com Lydel Peck, jornais, revistas, amigos, todos, em suma, procuraram "consolar" Charles. Entre elas e êles, Virginia Valli que vinha em companhia de Collcen Moore. O que se seguiu foi rapido e inutil aqui citar detalhes. Ha muito que êle a queria e como sinceramente não guardava resentimento algum pelo casamento de ambos, sentiu-se feliz, profundamente feliz com a aproximação mais intensa de Virginia Valli.

Combinaram, depois que tiveram certeza de que se amavam, esperarem pelo momento oportuno para se casarem. Não queriam ser precipitados e nisso ia boa dóse dos conselhos da melhor amiga de Virginia, Colleen Moore.

A morte da mãe de Charles foi o que apressou o casamento dêles. E' que êle amava sua querida velhinha mais do tudo, no mundo e o lar que êle tinha feito para ela ficou, assim, abandonado. Virginia Valli sentiu juntamente com êle a morte da criatura doce e boa que era a mãe dêle e, assim, resolveram casar-se para que êle sofresse menos a separação daquela criatura e tivesse, ao seu lado, a unica que o poderia fazer igualmente feliz: sua querida Virginia Valli.

Foi o que se deu. Casaram-se. De uma risada e de uma anedota que Charles contou a Virginia nasceu a amisade dêles. A principio ela não o levou a sério. Depois, no entanto, compreendeu o coração e a alma daquêle menino-homem e hoje o ama mais do que a propria vida. O mesmo dá-se com êle. A simpatia que sentiu por ela foi irresistivel. Não, podia deixar de a fazer sua esposa: era o destino...

Erich Engels e E. E. Herman Schmidt fundaram em Berlim a "Deutsche Turfilm-Gesellschaft".

*

A "Ufa" está projetando adquirir um grande cinema em Nova York, para poder exibir com regularidade todas as suas boas produções.

Helen Chandler

"Outward Bound, Mother's Cry, Dracula, Daybreack, Salvation Nell"... Sucessos que se amontoam para elevarem Helen Chandler ao topo do sucesso.

Ela nasceu num dia de chuva, uma sexta-feira, em Fevereiro de 1909, no Hospital Hahnemann, de New York, Dias de infancia, dias de colegio e, subito, um grande desejo de vencer na carreira de arte dramatica que tornou-se subitamente o seu ideal. . . . .

Ia entrar para o cartaz a peça "Barbara" e Arthur Hopkins era o encarregado de escolher os figurantes que deviam formar a comparsaria da peça. Lembra-se Helen que ficou á porta do teatro enquanto entrava a sua companheira a ver se arranjava emprego ali. Aproximou-se um homem dela e notando o seu aspéto em geral pobre, falou-lhe.

— Depois compreendi quem era aquêle homem, Arthur Hopkins, um dos mais acatados entre os especialistas, em teatro, para a escolha de elencos. Falou a varias pequenas e acabou falando-me a respeito do papel de figurante em "Barbara".

— Sinto, meu senhor, mas vou tomar um cha, agora, com minha mãe?

— E por que não vem até aqui, amanhã, em companhia de sua Mãe?

— Ela aceitou e no dia seguinte tornava-se uma artista...

Falando dos dias de chuva e do que êles representam para ela, na vida, disse-me Helen Chandler na conversa que mantivemos.

— São dias que elucidam-me muito mais e muito mais me animam. Talvez o destino de ter sido dada ao mundo num dia assim. O que sei, entretanto, é que êles me fazem felizes. Quando o dia é todo de sol, não tento conseguir nada que me interessa. Espero o dia chuvoso, máu, pardacento, que a tanta gente faz nervos... E' com êle que me ageito e com êle que tenho conseguido toda a felicidade presente da minha vida.

Helen lembra-se que aos onze anos, apenas, figurára na peça "The Barrier", de Rex Beach. Haviam papeis para um rapaz e uma menina.

— Eu queria representar um papel de menino. Não havia geito e, assim, convenci meu irmão Leland a aceitar o papel de menina, fazendo eu o dêle. Custou, mas consegui. Nem imagina o quanto eu me entristeci quando li, no dia seguinte, na critica, que êles haviam descoberto o meu "truc"...

Mais tarde, com "The Wild Duck", conseguia ela um papel mais ou menos saliente que lhe valia o aplauso até de criticos influentes. Tinha ela o papel de "Hedwig" e saía-se esplendidamente nesse desempenho.

Seguiram-se mais anos e os seus sucessos se não aumentavam, tambem não diminuiam. Figurou ao lado de John Barrymore na peça "Richard, the Third" e ao lado de Lionel Barrymore em "Macbeth". Teve o papel original, de teatro, na peça "Penrod", desempenhando-se da personagem "Marjorie Jones e tambem figurou em "The Constant Nymph, Hamlet, Faust, The Silver Cord, Mr. Pim Passes By" e, aos poucos, estabeleceu de vez os seus creditos artisticos, principalmente no drama.

O seu primeiro papel em films, foi com a direção de Allan Dwan em "O Mestre de Musica". da Fox. Deu-se este fáto da fórma seguinte. Helen sentia-se vexada com a opinião geral que a forçava a crer na sua propria falta de graça e feiura. Era ela acusada de não ter fotogenia alguma e, assim, quando noticiou que ia entrar para o Cinema, notou que todos se riam dela. Aí então é que mais serio levou o assunto.

Um dia, em Hollywood, procurou Mr. William Fox. Sendo êle o diretor presidente da Fox Films, seria com êle mesmo que ela iria falar. Não o encontrou, é logico, tanto mais que nem o encontrando com êle teria oportunidade de falar. Uma porta semi-aberta, entretanto, po-la diante de Allan Dwan que, por essa época, escolhia o elenco de "O Mestre de Musica". Ele lhe perguntou o que queria, vendo-a tão simples e tão despreocupada, mostrando em tudo não o conhecer e nem saber quem éle era.

— Quero falar com Mr. William Fox.

— Tem encontro marcado com êle?

— Não. Apenas quero ve-lo.

Allan Dwan, ainda incerto sobre o carater daquela criatura, mandou que lhe dessem a caixa de maquilage mais proxima para um "test". Quando a viu maquilada é que compreendeu tudo: era uma real ingenua que tinha diante de si... Foi depois disso que a sua carreira de Cinema teve inicio.

Não foi muito feliz, a principio, mas depois foi melhorando de sorte, e hoje já é uma artista que todos apreciam e que vem conseguindo seus rapidos e seguros sucessos.

Quando Heleninha...

Sobre o seu casamento com Cyril Hume, um escritor conhecido e acatado, diz ela que foi quasi um acidente. Ele ia á festa em casa de Joan Bennett e Helen tambem. Começou a chover... Era fatal, a sua bôa sorte sempre dependeu da chuva... Cyril vendo-a exposta á mesma, ofereceu-lhe o seu carro e, levando-a, travaram o conhecimento que depois terminou no altar.

(Termina no fim do numero)

Helen Chandler e Molly O' Day em "Salvation Army"

Lois Wilson...

ESTÁ VOLTANDO. ALIÁS, LOIS WILSON NUNCA FOI EMBORA...

A idade do terror ou do temor dirão outros, em Hollywood, é justamente a idade do sucesso. Quando as **estrelas** chegam ao topo da carreira, isto é, quando estão no pinaculo da fama, aí é que lhes vem êsse terror que aqui chamamos "idade do terror".

Quando, ha anos, Gloria Swanson e seu marido, Wallace Beery, rodavam pelas ruas de Hollywood, num carro amarelo, chamando a atenção de todos, eram felizes. Os setenta e cinco **dollars** que percebiam, por semana, fazia-os felizes.

Quando Gloria Swanson, com seu terceiro marido, Marquês de la Falaise, ouviu a aclamação de toda Hollywood na primeira de **Madame Sans Gêne**, era ela uma mulher medrosa e infeliz. Tinha medo de aceitar os 20.000 **dollars** que lhe oferecia a Paramount, por semana, porque temia maus argumentos que lhe tirassem justamente a fama que lhe tinha ganho todo o dinheiro que percebia.

Wallace Beery, por sua vez, sofreu a mesma experiencia. **Nós somos da Patria amada, Dois Araras no Mar,** dois films que êle fez para a Paramount, foram sensações. Deixemos que êle proprio fale a êste respeito alguma cousa.

— Cada qual dêles custou 500.000 **dollars.** Foram films cuidados, bem produzidos. Os exibidores e os produtores ganharam muito dinheiro á custa dos mesmos. Viram, os meus chefes de então, imediatamente, a **chance** para ganhar dinheiro com facilidade. "Pouco nos importamos se liquidarmos Beery e Hatton". Racionaram, naturalmente. "Faremos três ou quatro outros, ás pressas e, aproveitando a fama que os mesmos conseguiram, com os dois primeiros, ganharemos bom dinheiro". E vieram patacoadas tais com **Dois Batutas da Mangueira** e **Dois Aguias do Ar,** para não falar em ainda outros. Liquidaram, de fato, a dupla Beery-Hatton.

Continuou êle, depois, as suas considerações.

Quando a M. G. M. lançou **Lirio do Lodo,** pedilhes que não matassem a dupla Wallace Beery-Marie Dressler. Esperassem oito meses, mesmo, pouco se me dava esperar, mas fizessem, depois, outro film tão bom ou mesmo melhor do que êsse. Quando soube que êles deram ouvidos ao que eu pedi, nem consegui compreender como isso dera e cheguei a pensar que os meus produtores haviam enlouquecido...

Para subir, a escada de Hollywood não apresenta a menor dificuldade. Mary Pickford assim resume ês te capitulo.

— Para subir, todos ajudam. Quando lá em cim se acha a pessoa, aí faltam todos os auxilios e todas a mãos amigas... Lá em cima, precisamos fazer os nos sos proprios planos, tomar as nossas proprias delibe rações. Não é suficiente ter habilidade artistica. E preciso que o artista seja, acima de tudo, excelente empresario de si proprio...

Tanto maior é altura quanto maior é o temor. Duvidamos que alguem exista que tenha mais dêsse temor do que Mary Pickford. Quando Douglas filho casou com Joan Crawford, Mary fez objeções. A hipotese dela, a "namorada da America" tornar-se avó, era alguma cousa que a atormentava, atrozmente...

— Namorada da America...

— Rainha do Cinema...

— Marquêsa de Pickfair...

Pensem nesses titulos que já lhe deram e vejam se ela não tinha razão, afinal de contas, se bem que Douglas filho e sua mulherzinha nada tivessem com isso.

A vida, para Anita Page, Carole Lombard, Joan Marsh, Frank Albertson, William Bakewell, é relativamente simples, sem apreensões. Mas êles ainda estão no meio da escada... Vivem, ainda, da esperança, ainda não chegaram ao periodo de precisarem cuidar seriamente de si proprios...

Lew Ayres, antes de **Sem Novidade no Front,** nada ou pouco sabia de que fosse "temor". Depois do film exhibido e êle tido como sensação, entretanto, apossou-se dêle um medo tremendo de voltar atrás, de fra-

A IDADE do

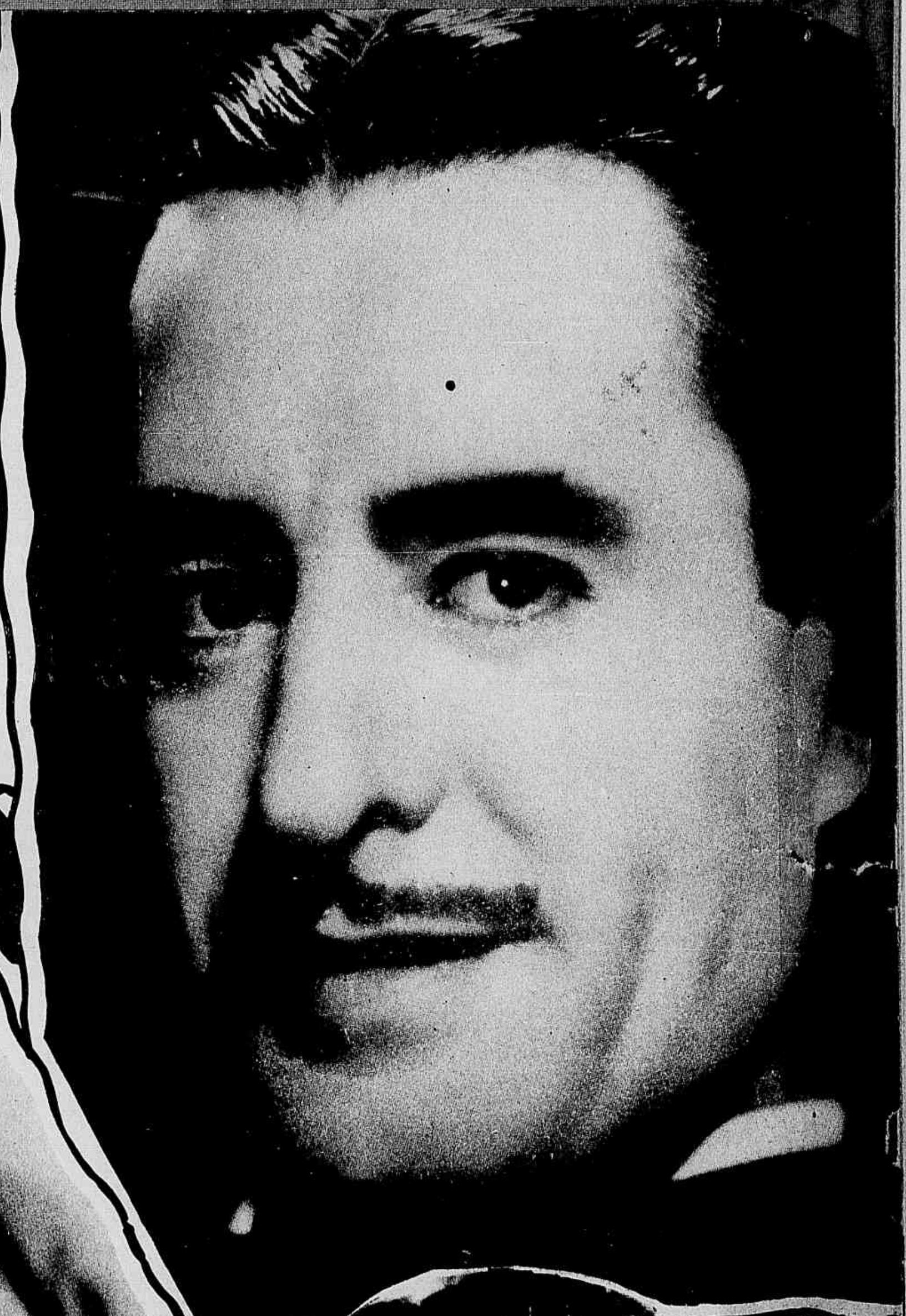
Anita Page ainda não tem muitas apreensões.

Sue Carol perdeu muita popularidade quando se casou com Nick Stuart.

Ivan Lebedeff

cassar, de fazer films que o menosprezem, no conceito público...

Charles Farrell venceu um concurso de popularidade promovido por um jornal de New York. Êste ano, entretanto, Lew Ayres perdeu dêle apenas... Usemos aqui a linguagem das corridas de cavalo: "por nariz"... No seguinte concurso, então, promovido pelo mesmo jornal no segundo semestre do ano passado, Lew passou Charlie para o segundo logar e galhardamente pôz-se em primeiro... **Caminho do Inferno** pô-lo bem, porque, igualmente bom, constituiu um film de real interesse e não desfez o que **Sem Novidade no Front** fizera, pelo seu bom nome e sua fama. Mas êle, entretanto, cheio de temor, com certeza perguntou a si proprio. "E agora?"... E continuando a raciocinar, continuou dizendo a si proprio: "Ousarei casar-me com Lola Lane ou qualquer outra pequena? Feriria a minha popularidade com um casamento desastroso?..."

ca medonhamente ferina. Sue Carol conseguiu chegar á soma de 1.750 **dollars** por semana. Depois casou-se com Nick Stuart. Em Maio passado, quando terminou o seu contrato com a R. K. O., Sue Carol teve o desgosto de não o ver renovado... Ouvi uma conhecida artista dizendo a Sue, ha dias: "Desculpe-me, querida, fala-se muito em você e Nick. Nem imagina o quanto sofrem a sua fama e a sua reputação de sedutora com êsse casamento..." O que o casamento fez para Vilma Banky e para seu marido Rod La Rocque, tambem, êles o sabem, melhor do que ninguem. Enquanto John Mack Brown continuar como galã, sua esposa não lhe é pesada, na vida. Se êle atingir, entretanto,

John Gilbert

Joan Marsh

Richard Dix experimentou o jogo...

TERROR!

Os exemplos, em torno dêle, são muitos. Se êle conseguir atingir as alturas de um John Gilbert, do Cinema silencioso, serão todos os passos da sua vida intima dissecados de ponta a ponta pela opinião publica o caso de John Gilbert, Ronald Colman ou Valentino, será ela um tremendo empecilho ao seu sucesso. A' inteligencia de Joan Crawford deve ela o fato de não ter nada sofrido, na opinião publica, com o seu casamento. Disseram durante longos tempos ás revistas, aos jornais, que se iam casar, mas que tinha tanto **medo** de perder o amor do publico... Essas confissões chamaram a atenção e, ao cabo delas, o publico já tinha perdoado e até tolerava, como uma exigencia, o tal casamento... Para o sucesso, em Hollywood, entretanto, o casamento constitue perigo. Nem todas são Joan Crawford e todos Douglas Fairbanks Jr...

E amigos?... Devo ter amigos?...

Em Hollywood, tambem, os amigos

(Termina no fim do numero)

palmente ali, naquêle bairro perigoso, era quasi um mito... Ao passo que averiguam as circunstancias da tragedia, vão-se a mulher e o velho, lado a lado, rua afóra.

Diante de uma porta pouco distante daquêle local, estacam.

— Sua casa?...

— E'.

— Poderia descansar alguns momentos?...

— Como queira.

Entram. Nêle não existe uma provavel audacia amorosa. Nela, um cançasso pelo dia trabalhoso vencido mal disfarçado por um quasi sorriso que ela tenta manter nos labios.

— Então não acabará daquêle geito...

— Não. Eu não temo a vida e nem a morte!

— Bravos...

Cessam a conversa. Ela cáe sobre o teclado do piano usado que tem a um canto da sala e toca alguma cousa esparsa. Não pára. Quando faz a primeira pausa êle diz.

ESHON

(DISHONORED) — Film da Paramount

MARLENE DIETRICH .... X 27
VICTOR Mc LAGLEN ..... Tenente Kranau
Lew Cody .... Coronel Covrin
Gustav Von Seyffertitz .. Chefe do serviço secreto
Warner Oland .... General Von Hindau
Barry Norton .... Jovem tenente
Davison Clark ..... Oficial da côrte Marcial
Wilfred Lucas .... General Dymov
Bill Powell .... Empresario.

Diretor: — JOSEF VON STERNBERG

— Ponho outra moeda...

— Toma-me por pianola...

— Parece..

Duélo de ironias mal disfarçadas. Os olhos dêle cáem sobre uma fotografia de homem que está sobre o movel.

— Seu noivo?...

— Não acha que são horas de se ir?...

— Não quereria ganhar muito, mas muito dinheiro, mesmo, com pouquissimo trabalho?...

Ela continúa to-

Na rua escura escutou-se um tiro. Depois, o baque surdo de um corpo que tomba. Seguiram-se as correrias normais a estas situações e, finalmente, em torno de um corpo de mulher ainda quente reuniram-se varios individuos e outras tantas mulheres das redondezas, as caras e as figuras mais sordidas imaginaveis e como que saídas de catacumbas.

— Desgostos...

— Infelicidade...

— Vida...

— Fome...

— Toxicos...

Série de hipotezes...

Um velho que por ali se achava disse, baixinho:

— Todas acabam assim...

Uma moça, com parte do rosto oculta pela má iluminação contestou.

— Nem todas! Eu não acabarei assim, garanto...

Olharam-se.

Chega a pseudo policia. Sim, plena guerra, situação embaraçosa para as tropas austriacas que não conseguem vencer

— Está citando um dos impossiveis deste mundo...

— Nem tanto, creia... Disse que não tinha medo da vida e nem da morte...

Aí ela voltou-se para o velho. A frase fôra dita com uma intenção premeditada, forte. Olharam-se.

— Ponha as cartas na mesa...

— Convido-a a servir o País com o qual mantenho relações e que poderia realizar êsse quasi impossivel...

— Contra a Austria?...

— Sim!

Olharam-se de novo. No olhar dêle havia convicção. No dela, simplicidade, o menor sintoma de surpresa.

RADA

— Bem, conversemos melhor. Vou buscar vinho. Sirva-se de biscoitos. Já volto.

Saíu. Quando voltou trazia dois policiais consigo.

— E' êle. Podem leva-lo...

— Senhora, não compreendo...

— Compreenderá depois. Ele tentou comprar-me para agir contra a minha gente!

Altiva apanhou um biscoito e mordendo-o aos poucos dirigiu-se para a janela ao passo que o homem era conduzido dali para fóra pelos dois policiais enervados pela descoberta de um es-

Na rua, entretanto, o velho mudou de porte. Desvencilhou-se dos policiais e mostrou-lhes um documento. Ambos perfilaram-se.

— Aqui está uma carta. Entreguem-na á essa criatura depois que eu me tenha ido e acompanhem-na amanhã á minha presença...

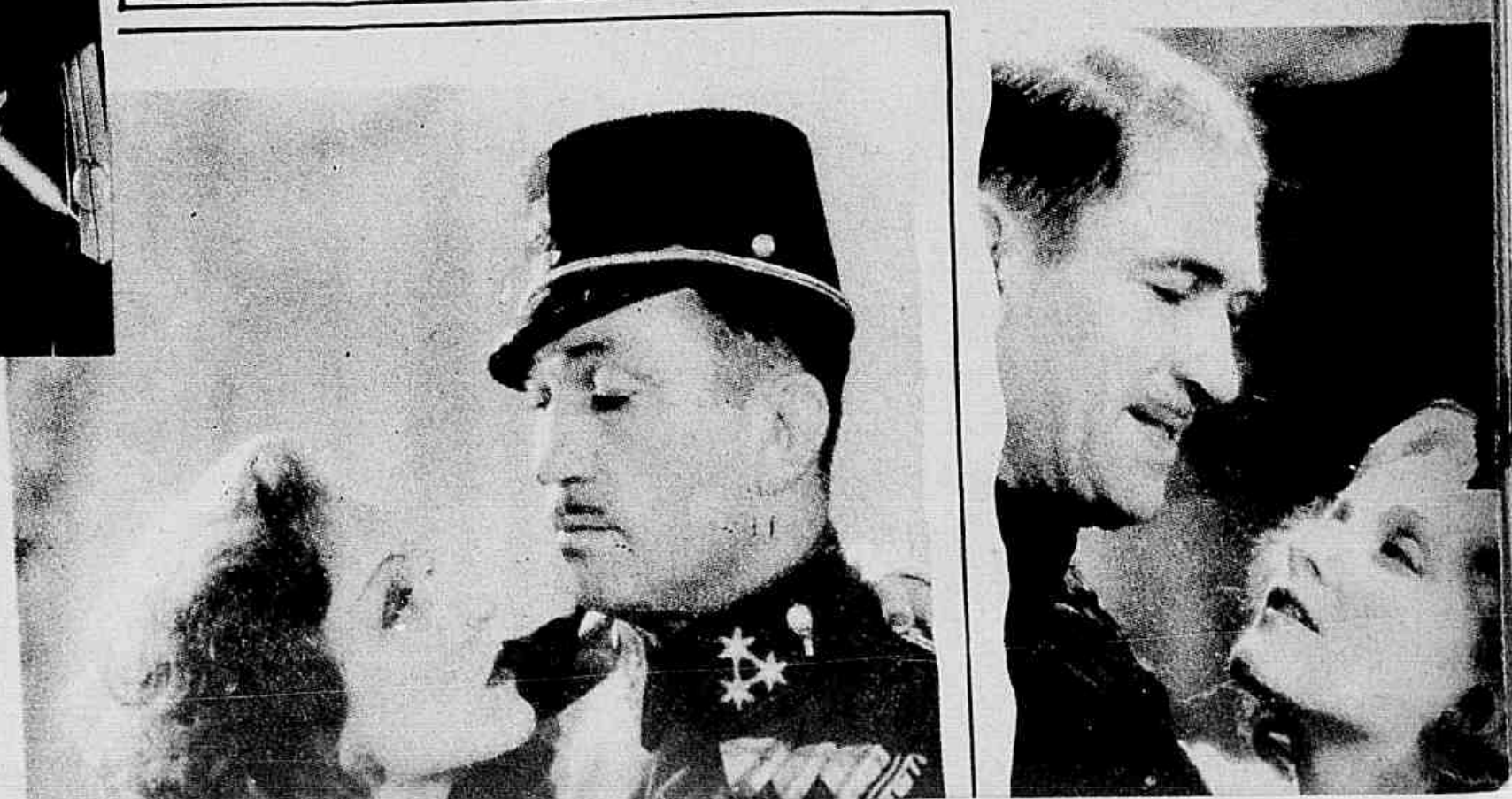
No dia seguinte, á hora estabelecida ela vinha ao encontro do velho da vespera, um distintissimo oficial metido elegantemente numa farda imponente.

— Sente-se. A prova de hontem merece uma satisfação mais clara...

Ela não falava. Olhava, apenas.

— Sei que é viuva do capitão Fernando Koligrand...

— Morto em combate, pela Patria! Emendou ela.

(Termina no fim do numero)

Lillian
Roth . . .

Foi num samba...

FUTURAS

CONSTANCE BENNETT E LEW CODY EM "THE COMMON LOW".

ALEXANDER HAMILTON (Warner) — Sujeito divertido êsse Mr. Arliss! A variedade de tipos que êle vive nos seus films, só ela, é alguma cousa para vos maravilhar. Aqui volta êle para a especie de assunto que o tornou famoso em "Disraeli:" caracterização humana de uma personagem historica. E' o conto das intrigas de inimigos politicos que levam o escandalo ao lar de Hamilton. Narra, tambem, o sacrificio que êle fez da propria felicidade a favor dos seus principios pcliticos e patrioticos. Doris Kenyon é a encantadora "Betsy Hamilton" e June Collyer, linda como jamais esteve, uma mulher pela qual qualquer homem — mesmo o de estado, Hamilton — cairia de olhos fechados... Washington e Jefferson aparecem, é logico e sempre chamando simpatias.

THE MIRACLE WOMAN (Columbia) — Neste tema vocês descobrirão, com facilidade, varios pontos da vida de uma mulher evangelizadora cujo nome andou muito nos jornais, recentemente... E' um film bom e ousadamente bem feito. Ha muita aventura pelo desenrolar do seu argumento e as emoções que a mesma oferece são de primeira especie. Barbara Stanwyck é a "irmã Fallon" e apresenta mais um trabalho notavel. Como seu galã apresenta-se David Manners, um aviador supostamente cégo que vem para mistificar e tomba ferido de amor por ela. Sam Hardy e Beryl Fercer, esplendidos, ambos. Bom elenco, melhor direção e fotografia incomparavel. O final é emocionante. Está bem feito e muito convincente o incendio do tabernaculo.

FORBIDDEN ADVENTURE (Paramount) — Mais um da serie infantil que a Paramount está apresentando e que serve para adultos, igualmente. Tem a mesma espontaneidade e a mesma força de convicção que era o lado forte de "Skippy". Jackie Searl e Mitzi Green são os principais. Bruce Line é um garoto novo que tambem vai fazer muito sucesso. Edna May Oliver e Louise Fazenda fornecem as risadas que não são poucas. A historia é tirada da novela de Sinclair Lewis, "Let's Play King", si bem que tenha sofrido varias e sensiveis mudanças para fins Cinematograficos. Narra as aventuras de dois pequeninos artistas de Cinema que se cançam de estarem proibidos de brincar e fazer o que fazem os outros garotos de suas idades e, assim, resolvem fugir, levando com êles um menino rei. Norman Taurog, o diretor de "Skippy" tambem empregou seu talento na confecção dêste trabalho. Ele sabe, melhor do que qualquer outro, fazer os pequenos representarem. Ha muito ator crescido que não tem a naturalidade e a sinceridade dêsses garotos que Norman Taurog sabiamente conduz. Ha muito apanhado interessante de interiores de Studios e aprende-se muita cousa do que se faz dentro dêles para a confecção de um film. Este film é uma noite bem passada.

NIGHT NURSE (Warner) Anunciaram que as autoridades baniriam este fim de cartaz, porque tratava de aventuras de "gangsters" e que tais assuntos estavam terminantemente proibidos por lei recente. Não sei si é verdade. Sei, apenas, que se fôr, privase-á o publico de um dos mais interessantes e divertidos films que já vi. Barbara Stanwyck, Joan Blondell, Ben Lyon e Clary Gable formam o principal do elenco homogeneo. Direção, cenario e fotografia, igualmente, formam uma bem feliz combinação. Resultado: um esplendido film. As aventuras correm paralelas em ambientes de crimes e num hospital. Eddie Nugent tem um papel de interno divertido que vale boas gargalhadas. Vale a pena ver.

INA CLAIRE EM "REBOUND"

JEAN ARTHUR EM "EX-BAD BOY".

NANCY CARROLL EM "THE NIGHT ANGEL".

AN AMERICAN TRAGEDY (Paramount) — Não importa o quão estritamente siga o livro. Ha, nêle, o miolo todo do forte assunto. Todos os pedacinhos da cruel tragedia que Dreiser escreveu, Von Sternberg transportou para o film. O que você dirá, quando êle terminar, vai ser isto: "um grande film! Mas não sei se o apreciei ou não..."

Ha, em todo êle, uma beleza fotografica que poucas vezes foi igualada. O elenco é bom: Phillips Holmes, Sylvia Sidney, Frances Dee, Irving Pichel, Charles Middleton, cada qual num bom papel. A cada passo encontramos genialidade da direção estupenda de Von Sternberg. Na emoção da cena de tribunal, cousa corriqueira embora, êle consegue efeitos novos e pasmosamente sinceros. Artistica e tecnicamente falando, "An American Tragedy" é dos melhores films do mês. Se Dreiser não houvesse aborrecido a paciencia dos produtores, teria sido ainda muito melhor, com certeza.

THE GIRL HABIT (Paramount) — Uma farça da qual Charlie Ruggles é o principal e conseguirá, com ela, um contrato como astro, apostamos! Fantastico, simplesmente, é o quanto êle faz. No fim ha "hokum" em penca — sem comparecimento da esquadra americana, felizmente — mas tudo termina bem. Vale gargalhadas enormes embora no elenco estejam caras e nomes desconhecidos como Donald Meek, Sue Conroy, Margaret Dumont, Allen Jenkins, Tamara Geva, Jerome Daley e Betty Garde, canastrões teatrais, naturalmente.

LE MILLION (Tobis) Não é preciso entender francês para compreender a graça e o espirito desta comedia musicada francesa. Dois artistas ingleses, sabiamente postos dentro do tema, (Esta critica é americana) contam a historia de uma maneira que é um atestado de inteligencia para quem a imaginou. Por favor, tragam René Clair, o diretor, para a America afim de ensinar alguns dos nossos diretores. Este é um film que deve abrir os olhos dêles. (Este trecho grifado é traduzido ao pé da letra! A revista "Photoplay" é sua autora. Gostariamos de saber se vão ser tomadas medidas contra a mesma só por causa desse trecho em que são desmerecidos "alguns" americanos...)

THE SQUAW MAN (M G M) — Ha, nesta versão, tudo quanto já houve nas outras filmadas ha tempos. E' mais plausivel, entretanto e está muito melhor acabada. Warner Baxter apresenta um soberbo trabalho. Lupe Velez, com pouquissimos dialogos, é a figura mais simpatica do film! Eleanor Boardman, Charles Bickford e Raymond Hatton co-adjuvam bem. Veja, ainda que tenha visto as outras versões silenciosas e mesmo a peça de teatro da qual foi estraído.

LA FOLLE AVENTURE (Film francês) — Pode-se felicitar o produtor de "La Folle Aventure", pela mesma razão que já o fizemos quando assistimos a "La Nuit est à nous": trata-se de um bom film. O argumento dêste ultimo era melhor, mas o que ora comentamos tambem tem muito valor e algumas situações bem agradaveis. O film é muito agitado, rapido e seus dialogos são geniais, em certos trechos. Marie Bell é uma artista sensivel e inteligente. Ha algum abandono demasiado nas suas atitudes, talvez. Jim Gérald é um galã razoavel. A revelação do film, entretanto, é Jean Murat. Homem de aspeto esportivo, elegante, simpatico e com um talento de representação muito espontaneo e curioso. Ele é a melhor cousa do film. G. Tréville, Silvio de Pédrelli e Colette Jell aparecem. A. P. Antoine dirigiu.

REBOUND (RKO-Pathé) — Ina Claire e Robert Ames representam inegavelmente bem. A direção é boa. A historia tem bons momentos. Mas foge demasiado ao genero de diversão que deve presidir a todos os planos de filmagem. O dialogo é muito pesado, houve excessiva preocupação de afetar. Podem ver, se bem que nada vejam de mais.

Von der Ufa zu dier...

Lilian
Harvey...

Marion Davies defende Hollywood

Marion Davies defende Hollywood. Defende-a da ironia de certos livros e da maldade de algumas peças que a causticam sem piedade, inutilmente, embora.

Marion ama a Hollywood e sente-se orgulhosa com esse amor. Ela me disse que prefere morar aqui a morar em qualquer outra parte do mundo. E ela, note-se, é das mais evidentes pessoas em Hollywood. Ela ama, tambem, a todo pessoal de Cinema, colegas seus. Ama a vida que todos levam na Cidade do Cinema e tambem quer imenso ao seu trabalho, sua carreira, portanto.

E Marion conhece esse **povo**. Conhece-o quando está em duvidas e aborrecimentos e conhece-o quando reina a felicidade. No seu momento mais angustioso, foi a Marion que Alma Rubens recorreu. Foi Marion que presenteou Marie Dressler com o seu camarim-ambulante riquissimo, pelo fato de ter ela sido elevada a **estrela** de Cinema e isso aos sessenta anos de idade...

A opinião de Marion, entretanto, não é amaciada pelo sentimentalismo, não. Confundir-se Marion com esse numero de pequenas cujos corações governam os cerebros, é julgá-la como não deve ser julgada. Marion Davies é das creaturas mais inteligentes e sensatas que já tenho encontrado em toda minha vida.

Marion acha que Hollywood não é sensacional.

Que Hollywood não corrompe, absolutamente, a moral da mocidade.

Que Hollywood não é debochada.

Que Hollywood não é responsavel pela tragedia que foi a vida de Alma Rubens até á morte.

Que Hollywood não é merecedora dos apodos sarcasticos desses jornalistas aventureiros que a todo custo querem noticias escandalosas de sensação.

Acha que Hollywood não é a Cidade formidavel e moderna que todos dizem e, sim, um logarzinho comum e simples como uma vilazinha de Keokuk, em Iowa, qualquer. E em Keokuk o Sr. Smith assassina a Sra. Smith e os jornais registram o acontecimento na decima quarta pagina... E' que os olhos do mundo estão muito longe do casal Smith. Em Hollywood, não: Mr. Lloyd (não Harold Lloyd, senhores jornalistas de escandalo, pelo amor a Deus entendam-me!) não póde dar um suspiro que logo o mundo todo sabe e isto é profundamente cruel.

Marion acha que a imprensa é muito injusta com Hollywood e não deixa uma só vez de censurar amargamente esse procedimento.

Os jornais entram em detalhes pelo caso John Gilbert-Ina Claire. Por que não se referem, igualmente, á felicidade dos lares de Conrad Nagel, Clive Brook e Neil Hamilton?

Marion acha que Hollywood é uma Cidade essencialmente de lares e cita vários que são muito felizes.

Aos sabados e aos domingos, depois de findos os trabalhos da semana, correm todos os artistas para as praias, comumente, e Marion sabe disso, muito bem, porque muitos dêles vão principalmente á sua praiazinha particular. Nadam, brincam, jogam, conversam, divertem-se como se divertem todas as pessoas dêste mundo, sem maiores novidades ou disturbios. Mas os jornalistas acham que isto não é **Hollywood**... Que Hollywood é escandalo, farra, deboche, pouca moral...

Se dissermos, numa roda, que estamos doidos por ouvir Buster Keaton **falar**, diz Marion Davies, teremos logo vinte jornalistas ao nosso lado dizendo, aflitos: **falar** do seu divorcio, é?...

Que infeliz é Hollywood...

A cousa que mais a revolta, entretanto, é dizerem que Hollywood corrompe, que Hollywood dissolve a moral. Charles Rogers, Richard Arlen, Mary Brian, June Collyer, Anita Page, Ben Alexander, Russell Gleason, para não citar todos, querem rapazes e moças mais distintos, mais corretos e decentes? Em nada diferem dos rapazes e das moças de outras Cidades. Mas só porque são de Hollywood...

Nem, tampouco, Hollywood perverte os caracteres dos artistas moços que nela trabalham.

Douglas Fairbanks Jr., Conrad Nagel, Warner Baxter, Richard Barthelmess, Richard Arlen, e outros vieram crianças para Hollywood. São decentes, corretos, vivem bem e têm os mesmos predicados que são os carateristicos dos bons rapazes de outras Cidades que não se chamam Hollywood...

E' por isso que Marion Davies se dói, toda, quando ouve injustiças a respeito de Hollywood. Ela tem vivido o suficiente entre os artistas e entre os habitantes todos da Cidade para saber o que diz e ela acha que ha os defeitos e as qualidades que caracterizam qualquer Cidade e que tanto escandalo ha nela quanto em qualquer outra do mundo. Muito menos crimes e muito mais carinho, isso sim, é o que se nota entre a gente de Hollywood! O caso de certos divorcios devia ser uma recomendação e não uma acusação, porque quando se separam, sem ciumes e sem crimes, um homem que já não ama uma mulher que compreende, o que ha a fazer é felicitá-la pela sabia resolução de não continuarem arruinando as vidas comuns e não condená-los cruelmente como é costume condenar-se tudo quanto vem ou sai de Hollywood...

E' a defesa de Marion Davies para a Cidade do Cinema. Tem ela toda a razão, com certeza e apoiá-la-ão todos quantos refletirem nas verdades que aqui deixamos escritas.

* * *

CECIL B. DE MILLE NA PARAMOUNT — Tendo terminado a sua fórmula contratual com a M. G. M., Cecil B. De Mille embarcou para a Inglaterra afim de descansar. De lá irá á Russia, em visita de estudos e orientação e, depois, volverá aos Estados Unidos. Consta que a Paramount o contratou novamente para longo periodo e com vantagens.

Chegando a Hollywood, Vernon Johnston, jornalista de Cinema americano declarou, das deduções tiradas da viagem que fez pela America do Sul, que aqui não se quer assistir a films em versões espanholas e, sim, nos seus respetivos originais. E' uma verdade, Mr. Johnston! Felizmente as tentativas espanholas já diminuiram bastante...

* * *

The Dover Road, da Paramount, argumento de A. A. Milne, será dirigido por William De Mille e terá Clive Brook e Miriam Hopkins nos primeiros papeis.

* * *

WHITE SHOULDERS — (R. K. O.) — "Se você me enganar, você sofrerá!". Disse o marido, Jack Holt, dando os vinte mil **dollars** que prometera á esposa, Mary Astor, quando a tomara para esposa. Mas aparece Ricardo Cortez, na vida dela e... Bem, é a história. Vale a pena assistir.

Da terra
de
Marlene . . .
Mary Paudler
Rina
Marsa
Brigitte
Helm
Charlotte Susa
Kathe
Von Nagy

A outra pessoa a qual ela tambem não conhecia e que tambem atingiria sua existencia, foi Gary Cooper. Êle tinha uma pontinha em *Azas* e o seu nome, para os *fans* de Cinema era, ainda, pouco mais do que desconhecido. Êle era timido, sem geito e principalmente encabulado na presença de mulheres. Em poucos momentos êle deixou-se cativar pela simpatia e pela irresistivel fascinação da estrela de *Azas*...

Pessoas que faziam parte do *unit* de Santo Antonio, diziam, todas, que Gary, cada vez que via Clara, corava Não lhe falava, principalmente porque é pouco dado a conversas, mas olhava-a imenso.

Os risos dela, entretanto, eram todos para Victor Fleming, o diretor do qual ela era noiva. Os jornais haviam noticiado até um proximo e imprevisto casamento e ambos, sem ligar a isso, divertiam-se o quanto podiam e deixavam que o romance corresse o seu curso normal.

A idéa de casar assim a ambos, fôra cousa de um agente de publicidade.

— Vamos casar, fazendo-os preliminarmente noivos, á estrela de *Azas* e ao diretor de *Irmãos na Luta, Rivais no Amor*.

Victor tinha sido fotografo especial de Woodrow Wilson, durante a guerra hispano-americana. Êle é conservador, disciplinado e dono dos seus proprios sentimentos. Um homem ás direitas. Clara lhe disse, um dia, enquanto dansavam: "Fizeram-nos noivos, Victor". Êle respondeu, continuando a dansa e sorrindo. "Pois continuemos noivos, Clara, até que você quebre o *compromisso*..." Do noivado fraudulento nasceu, entretanto, uma amisade perfeita. Victor interessou Clara Bow pela literatura. Êle sultavam os acontecimentos desagradaveis dos quais a sua vida está repleta. Regeitado no seu amor e repelido justamente quando pensava já poder contar com o seu afeto, Robert não teve coragem e foi por isso que tentou contra a propria existencia. Logo no mês seguinte êle, um rapaz extremamente cheio de espirito romanesco, casou-se com Geneva Mitchell, pequena importante do *Follies*, em New York e nem siquer se lembrava, mais, de que tentára matar-se por causa de Clara Bow.

Victor Fleming, vendo o incidente e o escandalo dos jornais em torno da figura de Clara a qual êle votava uma estima enorme, declarou, em entrevista, para salvá-la da responsabilidade daquela tentativa de assassinato por amor, que era seu noivo e que para Robert Savage ela nada significava.

Gilbert Roland, lendo os jornais e já tendo o escandalo de Savage por conta, procurou-a e, mostrando-lhe as declarações de Fleming, gritou-lhe, quando se encontraram.

— Mentirosa! Publicidade, não é? Leia isto! Mas eu hei de lhe quebrar aquela cara e hei de me bater com êle em duélo de morte!!!

Ela o acalmou, incontinenti, arranjando forças para lhe dizer que, até aquêle momento, quem tomava parte nos combates da sua vida era ela propria. A atitude de Victor Fleming era mais paternal do que de amigo, mesmo e ainda que Gilbert Roland não desse crédito a isso, assim era, realmente.

Louca por romance, Clara esqueceu-se dos livros de Victor Fleming e dos seus conhecimen-

A VERDADEIRA VIDA de

4.° Capitulo

Pai e mãe dêle não acreditariam, por mais que êle falasse, que ela era direitinha e correta e que aquilo fora barulho de jornal, apenas.

Daí para deante o amor de ambos foi caindo. A's vezes, á noite, êle recebia telefonadas de casa e tinha que a deixar para ir. Ela, a principio, pensou que fosse regimen e achou até graça. Mas depois, quando compreendeu que a familia dêle fazia cerrada oposição ao seu amor, resolveu terminar aquêle afeto, ainda que lhe custasse o sangue do seu coração que já queria muito bem a Gary. E foi o que se deu.

Se hoje você perguntar a Gary o que êle pensa de Clara, êle dirá que a acha uma das criaturas mais adoraveis do mundo. Ainda que disso lhe advenha um ataque das unhas agudas de Lupe Velez...

Em 1927, Clara Bow encontrou-se com *Elinor Glyn*. Ela tinha escrito *It*, uma novela que a revista Cosmopolitan havia publicado e a Paramount comprado para transformar em *Um certo "q" das mulheres*, film que Clara Bow ia estrelar. Quando Elinor encontrou-se com Clara, tomou-se, logo, de profunda estima por ela e chegou a fazê-la, mesmo, figura de honra dos seus celebres jantares de Hollywood. Clara não queria ir, na verdade, mas a insistencia de Elinor era tamanha que ela não podia deixar de aceitar. A sua origem pobre sempre lhe dera um acanhamento do qual não se podia furtar e, assim, deante daquêle momento em que se devia apresentar á sociedade melhor de Hollywood, sentia-se mais ou menos vexada. A camaradagem de Douglas Fairbanks, Mary Pickford, Charles Chaplin, Marion Davies e outros que eram os hospedes principais de Miss Glyn, tornou-a mais desembaraçada e, assim, entrou por uma nova fase da sua vida e vivendo, principalmente, um aspéto inedito desses seus dias.

Elinor, quando a viu, pela primeira vez, teve esta frase que ficou conhecida:

— Havemos de nos estimar: temos cabelos vermelhos, ambas!

E, de fato, tudo quanto foi possivel fazer por Clara Bow, Elinor Glyn fez. Inclusive ser sua amiga até hoje, quando as amisades verdadeiras são tão raras. Elinor, além disso, deu-lhe melhor elegancia e mais *charme*. Fê-la mais culta e aprimorou mais o seu gosto e a sua arte. O conhecimento de Elinor Glyn, para Clara Bow, foi dos mais proveitosos e bons que ela já teve, em sua vida.

Clara, quando estrela do film "Vinho Capitoso".

é culto e inteligente. A sua companhia foi um beneficio e um bálsamo para o coração dela. Além disso êle conhece todos os prazeres das maiores aventuras e constituia, a sua prosa, alguma cousa que Clara Bow passou a necessitar. Gilbert Roland, em Hollywood, sabedor disso, telegrofou e pediu satisfações. Ela respondeu que era apenas publicidade e que o seu amor era apenas dêle Gilbert.

Ela veiu encontrar seu pai casado, em sua propria casa residindo. Se fosse outra, reagiria. Mas ela é extremamente amorosa e muito bôa de genio e coração para assim agir. Quando, mais tarde, o divorcio fatal surgiu, causa principal do qual foi a diferença enorme de idades, Clara não o censurou. Lastimou, apenas, que êle tivesse dado um passo tão arrebatado e infeliz. Ver seu pai sofrendo, para ela, sempre foi uma das suas maiores angustias.

A amisade por Victor Fleming continuou crescendo e quanto mais o conhecia, mais nela avivava a chama de profunda estima que aquêle homem lhe merecia. Por essa época, igualmente, foi que apareceu em sua vida, Robert Savage, do qual já falamos e que era um filho de milionario que pensava tudo poder conseguir com o seu dinheiro e, além disso, dono de uma paixão violentissima pela estrela que êle cobiçava. Ela costumava dar estimulo a varios de seus admiradores e, generosa como sempre fôra, dava-lhes liberdades que êles interpretavam mal e por isso re- tos que haviam sido a instrução e a alegria desses momentos. Logo que fracassou o seu romance com Gilbert Roland, cujo rompimento ela sentiu profundamente, começou outro, na sua vida e igualmente forte. Ia ela figurar em *Filhas do Divorcio*, dirigida novamente por Frank Lloyd e teria Gary Cooper por companheiro. Êle continuava acanhado, sim, mas tinha cenas de amor com ela e, quando a teve nos braços, Clara sentiu que êle a apertava de forma invulgar e a beijava com um ardor que ia muito além do que a cena pedia. Quando terminou o beijo e êle tirou seus labios dos dela, disse-lhe, tremulo e nervoso:

— Você é linda!

Ha meses que êle vinha nutrindo essa admiração profunda por ela e, assim, quando a teve nos braços, para beijá-la, aproveitou a sua oportunidade. Foi daí para diante que o romance dela e Gary Cooper viveu. Ela o amou. Gilbert Roland, ainda apaixonado por ela e ciumento, procurou novos amores.

Gary é de familia das melhores de Montana. Seu pai é juiz aposentado e percebendo, um dia, que seu filho estava apaixonado, perguntou-lhe quem era a "deusa". Êle respondeu que era Clara Bow.

— Clara Bow?!...

Gritou o velho.

— Aquela pela qual Robert Savage tentou suicidar-se?!... Você tem coragem de se apaixonar por semelhante criatura?...

———o———

A 14 de Fevereiro de 1929, Clara Bow foi operada de apendicite. Uma operação de apendicite geralmente não tem importancia alguma. Ela, entretanto, encontrou no hospital a figura joven e simpatica do dr. William Earl Pearson. Êle se disse seu *fan* e pôs-se ao seu lado, solicito, falando-lhe amorosa e brandamente do quanto a admirava na tela e do quanto desejara ardentemente conhecê-la pessoalmente.

Um novo caso de amor, que iria durar cerca de dois anos, nasceu dessas conversas de Clara Bow com o dr. Pearson, um romance amoroso que começou num quarto do S. Vicent's Hospital e terminou num escandalo tremendo. Clara Bow ignorava que êle ainda mantivesse relações de amisade com a esposa e, assim, crendo-o divorciado, entregou-lhe todo coração amoroso.

Em Junho de 1930, Clara Bow, afirmou e concordou com o que os jornais haviam dito, dando-a como pagante da soma de 30 mil *dollars* para o silencio da esposa do dr. Pearson. Logo depois ela negou o fato e, tambem, que houvesse afirmado. Verdade ou não, logo depois da noticia do pagamento dos 30 mil *dollars*, o dr. Pearson *e a esposa*, partiram em segunda viagem de nupcias para a Europa...

Clara sentiu profundamente o fim estupido e brutal de mais êsse romance seu e os jornais, ainda

por cima, deram-na, alguns, como "vampiro" e fascinadora de maridos de outras...

Tempos depois, quando florescia mais um dos seus amores, com Harry Richman, dessa feita, disse-me ela quando nos encontrámos em New York:

— Dos homens do mundo, minha amiga, os que mais me fascinam, nem sei mesmo porque, são os medicos. Têm qualquer cousa sedutora e perigosa que os tornam irresistiveis... Eu já amei profundamente a um dêles. Era bom e carinhoso comigo. O resto você já sabe, com certeza e principalmente o modo vil pelo qual êle me enganou...

Entre as amisades boas de Clara Bow, contava-se Tui Lorraine. Ela casou-se com Robert Bow, pai de Clara, apezar desta mesmo e outros lhe lembrarem o seu insucesso com Idella Mowrey. Clara, afinal, era intima amiga de Tui e por isso aceitou-a como madrasta, sem lhe fazer a minima oposição. Apenas advertiu graciosamente o pai.

Mais tarde, financiando Clara Bow, abriu, Robert Bow um café em Hollywood. Achava êle que a falta de um emprego ainda o mataria de tédio e, assim, a solução foi apenas essa. O casamento de Robert Bow e Tui Lorraine, entretanto, foi novo desastre para o velho e o seu café tambem sofreu com isso, indo á falencia.

Foi o afastamento de Tui Lorraine, da vida de Clara, amigas inseparaveis como sempre foram, que abriu margem para a entrada de Daisy De Voe, maneirosa e ardilosa como sempre foi. Tui não poderia mais continuar sendo o que fôra para Clara Bow. O fato de estar divorciada do pai dela não lhe permitia essa permanencia.

Daisy em pouco tempo tornou-se pessoa grata a Clara Bow...

—O—

Clara Bow

Clara jamais fez as cousas pela metade. Contou a sua vida a Daisy De Voe, desde o dia do seu nascimento, pelas cronicas de familia, até ao momento em que a fazia sua secretária particular. Daisy, arguta como é, soube captar toda confiança da pequena e, ainda mais, arrancar-lhe o menor segredo do intimo. Adulava-a o suficiente para parecer sincera e com isso conseguindo ia o que lhe apetecia em relação a Clara Bow. Para agradar a Clara Bow, Daisy chegou a trocar o seu proprio nome, pois chamava-se Daisy Deboe e como Deboe e Bow soavam muito igual, ela sugeriu, por si, trocá-lo por De Voe, para assim não originar mais equivoco algum... Fôra, entretanto, para Clara Bow, o dia mais infeliz da sua vida aquêle em que puzera dentro de sua casa a figura antipatica daquela criatura. Pobre por natureza, Daisy sentiu-se princesa e envaideceu-se junto ao conforto que encontrou no lar de sua patrôa.

Depois de Tui Lorraine, Bogart Rogers, filho de Adela Rogers St. John foi o secretario de finanças de Clara. Afastado Bogart dêsse cargo por sua propria vontade, Daisy De Voe soube insinuar-se no espirito de Clara, a ponto de conseguir êsse posto que era a sua maior e mais cínica ambição, a um só tempo.

— Farei economias que a senhora aplaudirá e hei de aumentar a sua fortuna! Eu conheço melhor do que a senhora o valor do dinheiro, Miss Bow!

Dizia ela a Clara e Clara, confiante como sempre foi, acedeu aos rogos da secretária.

Aos poucos Clara Bow viciou-se com Daisy De Voe ao ponto de nem siquer para jantar com amigas deixar de levá-la. A sua companhia era um lenitivo, uma especie de alivio para todos os seus males e preocupações. Além disso De Voe era extremamente delicada e atenciosa com ela e aquilo lhe agradava, em parte.

Lembro-me, a êste respeito, de um jantar oferecido por Clara Bow em homenagem a Harry Richman, quando forte ia o seu idilio com aquêle cantor de muita vôz e pouco escrúpulo O jantar foi oferecido no Roosevelt Hotel, e eu lá estava. Daisy De Voe apresentava-se mais bem vestida do que a propria Clara, e as joias que trazia eram de alto preço. Irving Berlin, uma criatura que Hollywood toda quer bem e sua esposa, a ex-Ellen Mackay, lá estavam e Ellen, sabedora do passado negro de Clara Bow, mostrou-se desejosa de a conhecer. Irving Berlin por essa época escrevia canções para Harry Richman e, assim, mais facil ainda estava a referida aproximação. Ellen, além disso, ouvira tantas palavras elogiosas de Harry Richman para a pequena que êle dizia sua noiva, que ainda mais curiosa estava para a conhecer. Ellen Mackay, aristocratica, distinta, brilhante, pediu para ser apresentada a Clara Bow. Esta aparentava ser uma garota colegial muito mal vestida e relaxada.

— Que idade tem você.

Foi uma das primeiras perguntas que Clara Bow lhe fez. Ellen não se zangou com isso e, ao contrario achou interesantissima a estrelinha da Paramount. Depois Clara censurou o lindo vestido escuro que ela trajava e lhe disse que se ela fosse mais moça, gostaria das côres alegres e vivas... Era a eterna e malcreada franqueza de Clara Bow que jamais soube ser hipocrita. Mrs. Berlin não se ofendeu com isso, não. Ao contrario, ainda mais admiração votou á pequena de cabelos de fogo que tinha deante de si.

Harry Richman, dono de cabaret e frequentador de teatros dos peores aos melhores, dono de regular voz, teve com Clara um dos seus mais recentes romances. O golpe dêle é que foi erradissimo. Ligou á pequena de Cinema enquanto ela era estrela e ela apenas um vultozinho da Broadway. Quando êle foi contratado por Schenck para aparecer em *varios* films, passou a ligar quasi nada á pequenina estrela de *Um certo "q" das mulheres* e com isso assinou a sua propria sentença... Quando chegou o momento de voltar atrás, isto é, quando foi despedido e ninguem mais se interessou pela sua antipatica figura, êle quis de novo recorrer a Clara Bow. Ela, entretanto, já não o tinha mais em mira e assim, apenas conseguiu a aversão de todos os *fans* de Cinema, em logar da fama que pensou conseguir com um dos seus films...

O fato, entretanto, é que Harry Richman quis dela mais publicidade do que outra cousa. Conseguiu em parte o seu intento. Mas no mais forte da *sinfonia* êle deu com os burros na agua... Além disso a sua vida estava repleta de escandalos e a sua moral, em New York era conhecida como das mais duvidosas. Felizmente Clara Bow não cometeu a asneira de o desposar.

—O—

Em seguida ao seu rompimento com Harry Richman, Clara Bow encontrou Rex Bell na sua vida. Diz ela que foi um dos momentos mais felizes da sua vida, principalmente por ter sido êle tão delicado e cavalheiro com ela, durante todo êste tempo que se seguiu. Robert Bow diz que gosta muito de Rex Bell, mas preferia Harry Richman, apesar de tudo. E' que Harry sabia agradar ao velho, levando-o a partidas de *box*, etc., e, com isso, vencia qualquer resistencia que porventura êle pensasse lhe opôr. O rompimento de Clara e Harry foi uma cousa que o velho sentiu...

Ha poucos dias eu visitei Clara Bow na sua casa admiravel, onde ela, já doente, descansava os seus nervos miseravelmente sovados. Ela me disse, quando lhe perguntei pelos amores da sua vida.

— Ainda hontem recebi um telegrama de Harry Richman.

— De Richman?

— Sim, dêle. Um dia êle me disse que se queria casar comigo e que sua casa estava sempre aberta para mim. O telegrama de hontem, depois dêsse escandalo todo que fizeram agora comigo, repete o mesmo: "Meu lar continúa sendo o seu, Clara". Diz êle. Mas eu não o farei. Na minha vida, se pensar bem, Harry Richman e Gilbert Roland foram os únicos homens que eu realmente amei com paixão. Mas eu tambem quis muito bem ao dr. Pearson e não sei o que de enorme sinto por êste Rex Bell que é, hoje, toda minha atenção... Vê, minha amiga, que é impossivel conservar um juizo só, em materia de amor...

Clara sempre acha um perdão, uma desculpa para os homens que amou e que a deixaram, uns e ela deixou, outros. Uma unica pessoa eu nunca a vi perdoar e nem esquecer: Daisy De Voe, á qual Clara chega a votar um odio que não conhece limites. O papel que essa mulher exercera junto a ela fôra mesquinho demais. Se ela falasse dois minutos com algum homem, no Studio, Daisy informava Harry Richman a respeito. Era uma espionagem continua, surda, imoral.

— Nunca pensei, confesso, que Daisy fosse tão falsa, tão vil comigo! Não sei como ela ousava olhar-me rosto a rosto quando, pelas costas, tantas canalhadas fazia comigo...

E' que a criatura sabia que perderia o emprego quando ela se casasse e, assim, a sua defesa era intrigar o mais possivel todos quantos se atravessassem na vida infeliz da pequena.

Afirma-se que foi Daisy que forneceu ao jornalista Girnau os dados para êle iniciar o seu covarde e brutal ataque á reputação e á honorabilidade de Clara Bow pelas colunas do jornal de escandalo os quais se albergou. Clara diz que não crê nisso e acha que é impossivel uma pessoa ser vil a êsse ponto. E' que ela é muito bondosa e não pode admitir que se seja tão canalha, neste mundo. Daisy, entretanto, acho-a capaz de tudo. De muito mais do que isso, mesmo.

Depois de publicados os artigos contra ela, Clara Bow sentiu-se mal, adoeceu.

— Se não fosse o medo que sempre tive de me matar, eu o teria feito nêsse momento! Que cousa cruel senti! Saber que milhares de pessoas liam as mentiras e os exageros que aquêle despudorado fazia imprimir, a meu respeito. De fato eu fui varias vezes noivas e apaixonei-me por varios homens. Mas não no carater que lhe impugnou o jornalista ordinario que é Girnau e nem da forma morbida pela qual êle relatou todos os meus atos.

—O—

Chamada para o tribunal, afim de presenciar a acusação a Daisy De Voe, Clara, lá, foi de uma complacencia unica. Ela podia ter falado muito, podia ter comprometido ainda mais a liberdade e o carater de Daisy. Mas ali é que se verificou o quão caridosa ela é e o quão decente, moralmente falando. Houve o caso de amor de Daisy com um certo operador e que Clara sabia e podia ter contado, caso êsse que não abonava muito o pudor e a decencia moral de Daisy... Entretanto ela preferiu calar e nada dizer.

(Continúa no proximo numero)

Lucille Browne

Mais uma das novas. Está na vitrine da Universal.

Pergunte-me outra...

OPERADOR

GUIDA — (Rio) — Vou providenciar o meu retrato que tanto vocês querem ver... Garanto que vai morrer de susto! 1.° — Janett Gaynor, Fox Studios, 1401 North Western Avenue, Hollywood, California; 2.° — Joan Crawford, M. G. M. Studios, Culver City, California; 3.° — Douglas Fairbanks Jr., First National Studios, Burbank, California; 4.° — Não conheço esse cavalheiro ao qual se refere; 5.° — Vai saír, sim e acho que você vai gostar. Até logo, Guida.

PATUSKA — (Rio) — Isso mesmo: você acertou! Pois vale a aposta! Êle prefere os romances brutos e o seu escritor favorito é Aloizo Azevedo. Que contraste, não?... E' **photographie** ponha como faz para os artistas americanos, mesmo e estará certo. Gostei, sim. Isso mesmo, você tem a minha opinião. Mas ainda veremos alguns films dêle, sabe? Eu acho que o primeiro prefere os girasóis e o segundo as flôres de... couve! Até logo Patuska!

LINDOIA AMAZONAS — (Manáos - Amazonas) — Perdôo, sim. O correio, ás vezes, é o maior inimigo dos meus amigos... Pois o meu nome tem sido aqui declinado tantas vezes, Lindoia amiga: : Operador da Silva. Eu darei o seu recado ao Luiz Sorôa, sim. Você sabia que o nome dêle, que é de decendencia nobre espanhóla é Pedro Luiz Miguel Jorge Olegario Vicente de Sorôa Garcia Goyena y Ganovas de Agramonte?... Diz êle que o seu numero de geração é 146. Êle aparece em **Mulher**... o film que a **Cinédia** tem agora pronto, sim e o seu endereço é **Cinédia Studio**, rua Abilio, 26, Rio. Ela está agora no teatro. Recebi e gostei muito dêle, sabe? Escreva sempre.

JAIME AUGUSTO — (Rio) — Pois não, amigo Jaime: foi Warner Baxter. Roland Drew tinha um papel igualmente interessante.

CARA DE BONECA — (Botafogo - Rio) — Pois quando quiser mandar, mande-o que teremos prazer em ler. A **Cinédia** não costuma devolver originais, aviso, no entanto. E por que não manda? Rua Abilio, 26, Rio, sim. Dolores Del Rio, presentemente, Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, California. Até logo.

ZURI — (Rio) — Não zangue, sim? Se escreveu, obteve resposta: a menos que tenha havido estravio de correspondencia e disto não me póde culpar, não é? Escreva-lhe para 221 West, 57th. Street, New York City, escritorios do magazine **Photoplay**.

SMAES — (Porto Alegre - R. G. do Sul) — Só agora é que posso responder á sua carta tão amavel e boa. Faço-o por aqui para poupar tempo meu e seu. Gostei da sua idéa e espero que você me mande a continuidade para ver melhor. Pena que se desse o desencontro que você relata, mas ainda haverá ocasião de sobra para isso, principalmente quando se trata de um **fan** bom e apaixonado como você. Volte sempre, amigo Smaes.

Z. FIGUEIREDO — (Rio) — Não é Berta Singermann, não. E é só? A resposta só póde ser por aqui, sabia?

GAÚCHITO SAUDOSO — (Porto Alegre - R. G. do Sul) — Ela não trabalha mais, não. Ha muito que ela e Viola Dana, sua irmã, deixaram o Cinema, isso depois de uma temporada nas fabricas mais mediocres do **poverty row** de Hollywood. Tentou Viola abrir um instituto de beleza que faliu e Shirley Mason de mais sorte, até hoje tem uma lavanderia que lhe dá algum dinheiro para viver. São os lados não espostos das vidas dos artistas de Hollywood... Digo-lhe que tinham razão de assim fazer, porque, na verdade, é uma produção que não está á altura do que já fazemos em materia de Cinema. Até outra, Gaúchito.

HILMAILDA — (S. Paulo) — Zangadinha como você está e sem calma, não é possivel argumentar e nem perguntar como você vai passando. Tudo isso já lhe foi respondido devidamente ha numeros passados e creio que já leu as mesmas respostas, não?

SUBMARINO — (Ribeirão Preto - S. Paulo) — Aqui não se encontra o material americano que precisa, mas ha várias pastas alemãs de teatro e mesmo alguns cremes francêses que servem, entre êles o baton 5 ou 6 Leichner, se me não engano, que é adatavel ao que quer. Mas para Cinema ou apenas fotografias? O endereço de Barbara Stanwyck é Columbia Studios, 1438, Gower Street, Hollywood, California.

NRA — (S. Paulo) — 1.° — Billie Dove, United Artists Studios, 1041, North Formosa Avenue, Hollywood, California; 2.° — Chester Morris, idem; 3.° — Clive Brook, Paramount Publix Studios, 5451, Marathon Street, Hollywood, California, só?

As ultimas fotografias de Olympio Guilherme.

C. BARBOSA — (Recife - Pernambuco) — Todos ótimos, muito obrigado. 1.° — Em teatro, New York; 2.° — E' uma lista muito grande, tomaria esta seção toda. Pergunte os principais. Os de Ramon, acima, dei porque são poucos; 3.° **Toca a Musica**; 4.° — Altura, não sei. Anos, 26. Leia o artigo dela que está saindo e terá muitos detalhes. 5.° — Não ha; Volte logo e quando quizer, amigo Barbosa.

FERRABRAZ — (Recife - Pernambuco) — Recebi os recortes: muito obrigado. Apreciu, sim. Mande quando quiser. 1.° — Foi tirada no Studio da Metropole em S. Paulo. Não foi preciso **truc** algum porque grande parte foi interna. 2.° — Não creia, meu amigo, que exista essa animosidade que sugere. E' uma inverdade e apenas sugestão. Não existe essa **maioria** que você crê existir e nem essa prevenção. Todos somos Brasileiros! De Norte a Sul somos irmãos e porque levarmos em conta de tal maneira os limites dos Estados em que nascemos? Se lhe digo isso é porque aqui é êsse o sentimento e da maior parte dos Brasileiros, creia. Faça essa mesma campanha entre os seus amigos e verá que será mais amigo do Brasil. Ela não respondeu, naturalmente, porque agora acha-se no teatro. Lembro-me, ao contrario, que quando regressou ela de uma excursão que fez pelo Norte, teve várias aclamações e no Ceará, mesmo, teve conforto de distintas familias do local que chegaram a procurá-la. Ela falou nisto com entusiasmo e felicidade. Creia! Não acha que os artistas americanos deveriam pensar dò mesmo modo, nesse caso se pensassem de acôrdo com o que você sofisma? Volte sempre.

WILLY — (Rio) — Obrigado. Se bem que já tivesse lido. Uma boa prova da importancia que vai tendo, cada vez mais, o Cinema Brasileiro, hein?

FAN-ATICO — (Ribeirão Preto - S. Paulo) — Nada sabemos dêles a não ser que estavam sendo ativados. Alguns dêles desistiram e outros andam esperando a **crise** passar. Mas o ideal, nos sinceros, continua sendo o mesmo. **Ganga Bruta** tem duas principais figuras masculinas e duas femininas que são: Durval Belini, Milton Marinho, Ruth Gentil e Lú Marival. O diretor é Humberto Mauro. **O Preço de um Prazer** reune, em torno de Decio Murilo, o unico principal homem do film, as figuras de Lú Marival e Alda Rios dirigidos pessoalmente por Adhemar Gonzaga. **Marta**, depois dêles, será o terceiro film dessa nova fase de produção da **Cinédia**. Octavio Mendes dirigirá e provavelmente Celso Montenegro e Carmen Violeta novamente figurarão. Êste é do romance de Medeiros e Albuquerque bastante conhecido. Está contente?

MISTER BOND — (Santos - S. Paulo) — 1.° — Richard Arlen, Paramount Publix Studios, 5451, Marathon Street, Hollywood, California; 2.° — Gilbert Roland, United Artists Studios, 1041, North Formosa Avenue, Hollywood, California; 3.° — Mary Brian, Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, California; 4.° — Lilian Bond, Warner Bros. Studios, Burbank, California; 5.° — Até Outubro êle estará aí. **Mulher**..., para isso, está sendo ativado e já está grande parte copiado.

JIM MARLEY — (S. Lourenço - R. G. do Sul) — Aqui os endereços que pede: — 1.° — Vilma Banky, presentemente, ausente do Cinema; 2.° — Madge Bellamy, em viagem pela Europa e afastada do Cinema; 3.° — Gwen Lee, M. G. M. Studios, Culver City, California; 4.° — Nancy Drexel, tambem presentemente sem contratos; 5.° — Phyllis Haver, casada e retirada do Cinema pelo lar. Mas você fez promessa de só mandar perguntar endereços de gente aposentada?... Volte outra vez, Jim!

DOVEMORI — (Rio) — Mas Billie de que?... Ha tantas Billies... A segunda não conheço e a terceira é uma simples **extra** da M. G. M. Studios, Culver City California. Constance Bennett, RKO-Pathé Studios, Culver City, California; E' êsse nome mesmo. Sempre aqui para responder á você, amigo Dovemori.

CAROLA — (Porto Alegre - R. G. do Sul) — Aqui as respostas que pede: — 1.° — Dita Parlo, Warner Bros. Studios, Burbank, California; 2.° — tem certeza no nome?... 3.° — Maria Alba, Fox Studios, 1401, North Western Avenue, Hollywood, California; 4.° — Phyllis Haver, casada e retirada do Cinema. Até logo, Carola!

* * *

THE AFFAIRS OF ANNABELLE — (Fox) — Uma boa farça. Jeannette Mac Donald e Victor Mc Laglen, como esposa e marido, ótimos. Ela, então, prova admiravelmente na farça. Roland Young, Sam Hardy e William Collier Sr. bons.

THIS MODERN AGE — (M. G. M.) — A história mais impossivel, mais ridicula e menos moral que já vimos. Joan Crawford, coitadinha, figura nêste triste espetaculo. Marjorie Rambeau, Neil Hamilton, Monroe Owsley, figuram inutilmente e dando a impressão de que nem sabem, realmente o que estão fazendo, dentro de tantos absurdos.

CI-NE-MA de Amadores

(DE SERGIO BARRETO FILHO)

O fonografo é sempre de grande utilidade para o Cinema de Amadores, porque lhe permite a escolha, plenamente livre, do programa de discos que melhor sirva para o acompanhamento de uma projeção de films.

Já o receptor de radio não o é tanto assim, visto que o seu programa fica sempre subordinado aos desejos, ou por outra, ao "contrôle" dos diretores do respetivo studio de "broadcasting".

Durante uma projeção de films para amadores, se o respetivo acompanhamento é feito pois com uma audição fonografica, e desde que os discos sejam convenientemente escolhidos, o prazer desse espectaculo duplica-se. Vamos pois aqui apontar algumas sugestões a respeito das preferencias que os nossos leitores devem tomar, quando quiserem acompanhar as suas projeções com discos fonograficos.

Em primeiro logar, apontemos aqui o fonografo portatil como o tipo de maquina falante mais comodo e mais de acordo com o projetor para amadores. Foi de um aparelho nessas condições que se usou, quando fizemos a nossa projeção para amadores, na sala de projeções do studio da Cinédia. Em segundo logar, façamos com que os amadores, e nossos leitores não se esqueçam de que sómente os discos de orquestra têm aplicação para o acompanhamento de uma projeção cinematografica. Os discos de canto ou instrumentais, mesmo que se trate de duos, trios ou quartetos, não serviriam para tanto. Isto posto, analisemos o que poderiamos denominar a classe dos films para amadores.

Os programas de films profissionais são sempre compostos de um drama, uma comedia, e um jornal ou um film mais ou menos instrutivo, que poderiamos classificar como variedades de curta metragem. Desse modo seria tambem conveniente classificarmos os programas para uma projeção de amadores, em que entrassem um drama comprado ou alugado pelo amador, uma comedia obtida em identicas condições, e um ultimo film de atualidade ou instrutivo, preferivelmente produzido pelo proprio amador em pessoa.

Para o drama, o genero de disco orquestral que melhor serve ao acompanhamento da sua projeção é a sinfonia. Os nossos leitores podem acreditar no que afirmamos aí acima, visto que não o fazemos baseando-nos no nosso proprio gosto, mas sim e unicamente na nossa pratica e experiencia.

Ao lado de uma sinfonia, apontariamos tambem a "ouverture" de uma opera e o que se costuma chamar o "pot-pourri" de uma opereta como excelentes para os fins que designamos. Qualquer disco de um outro genero distinto seria absolutamente contraproducente.

Para as comedias, não poderia existir coisa melhor que a musica para dansa, principalmente a de origem americana do norte. Os "fox-trots", os "one-steps", estes ainda mais que os primeiros, são esplendidos para o acompanhamento de uma comedia do grande Carlito, por exemplo, projetada na téla de um Cinema para Amadores, como o foram tantas, ha perto de um mez na sala de projeções da Cinédia. Já os tangos, as valsas, e o nosso proprio maxixe ou mesmo o samba, embora não fossem cantados, pouco serviriam para tanto.

Vejamos agora a classe dos films que denominámos como sendo a das variedades.

Nesta, poderiamos incluir:

1°.) os films de atualidades ou melhor dizendo, os chamados jornais, que poderiam até ser produzidos pelo proprio amador que os projetasse.

2°.) os films de turismo ou viagem, que igualmente poderiam ser filmados pelo respetivo amador.

3°.) os films instrutivos, cujo genero é tão espalhado hoje pelas cinematecas modernas, e que se ligam a todos os tipos de ciencias, mostrando aos espectadores como se desenvolvem as variadas especies de uma planta em Botanica, ou os diversos especimes de um animal em Zoologia.

Para os primeiros, só existe uma classe de discos que nos possam ajudar; trata-se da marcha, desde que essa não seja literalmente funebre. Coloque-se uma marcha executada por uma orquestra, no aparelho fonografico, e veja-se como o resultado é surpreendente.

Semelhantemente, para os films de viagem ou turismo só poderiamos encontrar um genero de discos que nos servisse; trata-se aqui das valsas, que excluimos da classe de discos proprios para o acompanhamento de comedias. As valsas, principalmente as de genero vienense, que foram tão empregadas para o acompanhamento de films profissionais de turismo ou viagem antes do aparecimento do Cinema Sincronisado ou Falado, são verdadeiramente ótimas para o fim que almejamos.

Essa mesma classe de discos que apontamos aí acima é tambem a unica que poderia servir para o acompanhamento de discos instrutivos. Só com a audição de uma valsa poderiamos seguir a projeção de um film instrutivo de curta metragem. No alvorecer do cinema profissional americano, quando os films franceses e italianos ou dinamarqueses desapareceram do nosso mercado com o advento da famigerada guerra de 1914, os films instrutivos eram muito apreciados pelo nosso publico, e poderiamos afirmar aqui serenamente que as orquestras das nossas primitivas casas de projeção só os acompanhavam com valsas, o que aliás faziam igualmente para os films de turismo e viagem, os quais do mesmo modo eram apreciados pelo publico daquele ano.

Para terminar as nossas sugestões sobre as relações que sempre existem entre o acompanhamento musical e a projeção dos films no Cinema para Amadores, deveriamos aconselhar os nossos leitores a que organizassem as suas respetivas cinematecas, dividindo os seus proprios films, alugados, adquiridos ou produzidos por êles mesmo, em cinco generos que correspondam aos que analisámos aí acima:

1°.) os dramas.
2°.) as comedias.
3°.) as atualidades.
4°.) os films de turismo.
5°.) os instrutivos.

Junto aos dramas deveriamos colecionar o maior numero possivel de "fox-trots" e "one-steps". Para as atualidades, guardariamos o maior numero possivel de marchas. E para os films de turismo ou instrutivos, só um grande numero de valsas vienenses seriam proprias, como dissemos, para que pudessemos acompanhar a respetiva projeção.

DE MILLE COM UMA EYEMO, EM FERIAS.

E aí está o que desejavamos expor a respeito das relações entre a audição e a projeção, no Cinema de Amadores. Sigam os nossos amaveis leitores as nossas modestas sugestões, e ficarão surpreendidos, tal como dissemos mais atrás, com um resultado realmente maravilhoso.

CORRESPONDENCIA

LUIZ CARLOS CHAVES (Colina) — Certamente que ha, tanto em films de 9,5 como em flims de 16 mm., pelicula negativa e positiva para se fazerem as copias de um film para amadores. Em 9,5 mm. o amigo encontrará aquilo que procura na propria Casa Pathé, á rua Rodrigo Silva, 36, e com muito mais facilidade do que se procurasse o mesmo em pelicula de 16 mm. na Kodak Brasileira. Além disso, o proprio amador poderia encarregar-se de fazer as respetivas copias, visto que a mesma Casa Pathé já vende as copiadeiras. O processo resume-se no que aqui lhe exponho:

1°.) carregar a camara com film negativo;

2°.) revelar esse film, utilizando-se de um revelador fotografico comum, tal como o "Rodinal" da AGFA, obtendo-se desse modo um negativo cinematografico.

3°.) carregar a copiadeira com aquele negativo, junto a um rôlo de pelicula positiva para copias, e executar a respetiva copia com o auxilio da dita copiadeira.

4°.) revelar essa copia, do mesmo modo como foi feita a revelação do negativo, utilizando-se do mesmo revelador.

Não lhe recomendaria a camara "Standard", si o amigo quer fazer Cinema de Amadores. Em todo caso, procure a EYEMO. E se não encontrar aí mesmo, escreva para Bell & Howell C°. 1801 Larchmont Avenue, Chicago, U. S. A., pedindo informações.

Roger Tréville será o astro do proximo film de Robert Péguy — "Sa Majesté L'Amour".

*

Georges Pallu terminou "La demoiselle du Métro". Figuram no elenco deste film: Pomiès, Survil, Robert Lesurque, Bouzerot, d'Ary Brissac, Simone Baret e Nicole Yoghi.

*

Marcel L'Herbier escolheu para o elenco da sua nova produção "Parfum de la dame en noir" os artistas: Roland Toutain, Huguette, Marcel Vibert, Kissa Kouprine e Belières.

*

Henri Diamant Berger pensa eh fazer uma versão falada de "Os tres mosqueteiros".

*

Jean Kemm está dirigindo "La fuite à l'anglaise", com Madeleine Carroll e Léin Bélières.

Robert Boudrioz vai filmar "Vacances", com Florelle.

*

Marco de Gastyne está terminandi "La bête errante".

A moda em Hollywood

Sue Carol

Ruth Selwyn

June Mac Cloy

Fay Wray

Barbara Weeks

Joan Marsh

A TELA EM

"Venesa dos meus amores"

"Quasi Cavalheiros"

MONTE CARLO — (Monte Carlo) — Film da Paramount — Produção de 1930.

E' um film do mesmo genero de *Alvorada do Amor* e, tambem dirigido por Ernst Lubitsch, mais uma confirmação do seu talento indiscutivel. *Monte Carlo*, como *Alvorada do Amor*, tem historia ligeira, geralmente maliciosa, boa musica, artistas, todos bons, e aquela observação ferina e toda particular de Lubitsch e sua maneira incomparavel de fazer Cinema.

Monte Carlo, a nosso ver, é superior a *Alvorada do Amor*. Falta-lhe apenas Chevalier, sofrivelmente substituido por Jack Buchanan. Não é só Cinema, nem só teatro, nem só opereta e nem só comedia. Tem tudo! Analisando friamente, talvez não haja um só valer em todo o film. Mas as analises frias são para os individuos frios e êstes, felizmente, contam-se pelos dedos e são tambem felizmente tidos como doentios... Assim, a conclusão é esta: Lubitsch continúa o mesmo esplêndido Lubitsch, creador de situações absolutamente novas dentro de qualquer forma de Cinema e cerebro dos mais iluminados desta arte admiravel que supera a todas as outras.

Dentro do Cinema silencioso, Lubitsch teve as suas comedias ligeiras, os seus dramas emocionantes e até as suas farças delicadas. Com o Cinema falado tem feito operetas. Esta é mais uma das notaveis que vimos e tem o mesmo *punch* de todos os seus trabalhos. O lado forte dele, como diretor, é não deixar jamais caír o interesse. Trá-lo sempre em riste, sempre agradavel. Não ha uma só pessoa que assista *Monte Carlo* que tenha tido tempo para um bocejo ou uma distração, mesmo que seja a vizinha uma notavel criatura... Tudo agrada. A musica vem logicamente. Os dialogos são rapidos. A ação, mais ainda. As personagens movem-se com um desembaraço pouco comum. Tudo é original, tudo curioso. Sómente Lubitsch seria capaz de por um relogio como aquêle, com aquêle boneco tocando o tema musical em variados instrumentos, um ridiculo que só êle seria capaz de tornar aceitavel. Tão perfeito é Lubitsch, que cavalheiros existem, até, que descobrem principios *freudianos* nas suas colocações de maquina e nos seus despreocupados detalhes...

Dentro da sua forma simplês de fazer Cinema, isto é, simples porque êle jamais emprega recursos de tecnica para encobrir o vazio do seu trabalho, dentro dessa forma, portanto, todo film seu é magistral e êste não foge á regra. Jeanette Mac Donald é uma condessa agradavel e, reconheçamos, agora que a vimos já em outros films, dirigida por outros, apenas interessante e agradavel nas mãos de Lubitsch... Jack Buchanan não compromete o papel e nem desempenha-o com pouca convicção, não. Vai muito bem e apenas perde quando a gente pensa em Chevalier substituindo-o. Za-Su Pitts é a mesma esplendida artista que conhecemos e o seu papel é uma constante piada. Claud Allister é um dos tipos no qual Lubitsch encosta todo sardonismo dos seus comentarios Cinematograficos em torno de cavalheiros que o mundo conhece e, respeitando, teme comentar apreciando vê-lo comentado, entretanto... Tyler Brocke, John Roche, Albert Conti, figuram. David Percy, antigo galã dos primeiros films falados da Fox, faz apenas um arauto e, isto mesmo, por causa da sua voz...

Utilizando um imaginoso e esplendido cenario de Ernst Vajda, Lubitsch prova que mesmo sem Hans Kraly é o mesmo Lubitsch de sempre. Nada perdeu êle com a briga que teve com o seu ex-cenarista e atual marido de sua ex-mulher...

A fricção contra dôr de cabeça, a chave perdida, a anedota do trem, o corcunda, milhares de outros detalhes e situações igualmente curiosas farão as delicias de quem apreciar o film. E' mais um trabalho que recomenda o diretor. Aos que disserem que não é Cinema, apontem todo Cinema que ha nêle. Aos que disserem que preferem o teatro integral, respondam com um sorriso *a la* Lubitsch...

Cotação — MUITO BOM.

INSPIRAÇÃO — (Inspiration) — Film da M. G. M. — Produção de 1930.

Do *close up* da *champagne* enchendo aquelas taças ao *fade out* da última sequencia, *Inspiração* é um film que reune, como nenhum outro, sensualismo e romance, materialidade e espiritualidade, sempre de mãos atadas, sempre controlados pela direção mais do que colosso de Clarence Brown.

E', verdadeiramente, a *redemção* de Greta Garbo! Com êste film ela voltará, rutilante, de novo, para os corações dos seus *fans*. E precisava, realmente, de um film assim, depois de uma *Anna Christie* e de um *Romance*...

O film é uma versão moderna de *Sapho*, de Daudet. Sem dúvida, uma versão inteligente, bem explorada no cenario magnifico do film, dirigida sabiamente e fotografada com um gosto unico. Greta Garbo está linda como poucas vezes esteve e se não fosse a sua voz, talvez um pouco desagradavel, diriamos que é um film no qual está simplesmente impecavel. Não sabemos, mas parece-nos que não terá lucrado muito perdendo o diretor que a fez representar êste primor de film...

A beleza poetica do film resalta a cada passo. A apresentação dela, discutida inicialmente pelas figuras simpaticas de um empresario teatral, um pintor, um romancista e um escultor, vale pelo film todo, isto é, prova a qualidade do cerebro que imaginou aquelas situações todas. O encontro dela com Robert Montgomery, a sedução espontanea que ela atira sôbre êle, até ao final, no quarto modesto do rapaz, depois daquela ascenção deliciosa por aquela escada toda, com aquêle episodio deslumbrante da aurora a mais ainda enfeitar o film, é magistral! Igualmente as situações seguintes, uma a uma, da cena de Oscar Apfel procurando-a pela casa toda, terminando com o *fade out* sôbre a cartola que êle arremessa sôbre o seu leito, até ás seguintes, como sejam, a chegada dos tios dêle e a visita de Ivone, com aquelas deliciosas cenas da escada, de uma originalidade flagrante e de uma beleza poetica e sensual, a um só tempo, admiravel, tambem... Tudo está lindo, no film! O cenario tem Cinema á vontade e volta á tecnica antiga na qual Clarence Brown era e mostra continuar sendo o mestre que conhecemos. Os dialogos são simples e curtos. A ação é desembaraçada. As sequencias, lindas no seu encadeamento uniforme, são um perfeitissimo colar de perolas perfeitas. Como beleza humana, isto é, vida, numa forma fotogenica e elegante, sem deixar de ser profundamente tragica, basta citar a cena entre Lewis Stone e Karen Morley, culminando no suicidio desta. As acusações de Judith Vosselli contra Greta Garbo e a surpresa ingenua de Robert Montgomery, um verdadeiro contraste naquêle ambiente de artistas, outra sequencia magnifica. Apenas a bofetada devia ter sido mais violenta... O encontro naquêle café, então, é uma verdadeira maravilha de direção, interpretação e agilidade fotografica. Quanta beleza ha naquela situação da mulher habituada ao luxo e ao esplendor e que por amor nem siquer tem dois francos para pagar um café com leite que a fome exige... O tema musical que fica desta sequencia e acompanha Ivone até ao final é muito bonito, como bonito tambem o é o *Noturno* de Chopin que Joan Marsh na cena do noivado. Não o *Noturno*, cuja beleza todos conhecem, mas a situação em que êle é posto...

Greta Garbo vai admiravelmente bem! Ela aumentará o seu público com êste film. Tomem a sua má voz em conta de *exotismo* e terão esquecido êste defeito... Robert Montgomery, que anda se reabilitando dia a dia, apresenta, com o seu André, dêste film, o seu melhor e mais agradavel trabalho. Vai muito bem! Lewis Stone, Marjorie Rambeau, John Miljan, Richard Tucker e Paul Mc Allister, boas tintas. Arthur Hoyt, Gwen Lee, Zelda Sears, Edwin Maxwell e Beryl Mercer, aparecem.

Clarence Brown lavra mais um tento. Quem sentir o romance dessa mulher que teve os beijos de muitos homens mas só sentiu o amor nos braços de um homem mais moço do que ela, terá sentido toda beleza sensual e romantica dêste film.

Cotação: — MUITO BOM.

WHOOPEE — (Whoopee) — Film da United Artists — Produção d e 1930.

Utilizando o assunto de uma comedia de Owen Davis, aliás já vista aqui com a interpretação de Harrison Ford (!), Samuel Goldwyn e Florenz Ziegfield, dois magnatas de ramos opostos de diversão, isto é: teatro e Cinema, conjugaram seus esforços e, com auxilio de um colorido invejavel e uma direção interessante conseguiram fazer de *The Nervous Wreck* (nome original da peça), um film-revista cujo titulo, *Whoopee* (na tradução de giria, mais apropriada, *fuzarca ! ! !*), por si só justifica a sua exibição...

Na verdade, nada mais é do que *Whoopee*, realmente, o film todo. Pequenas que provocam a necessidade de elasticos ou laços fortes para segurarem queixos caídos. Situações engraçadissimas. Diálogos (para os que entenderem) e letreiros oportunos e esplendidos. Eddie Cantor, já conhecido nosso de *Casar e Descasar* e *Encomenda Postal*, films ha tempos feitos para a Paramount, a maior figura do film e o seu maior agrado.

Em fim, um *show* como poucos e, tudo isso: Cinema e teatro, fotografado sabiamente por Lee Garmes, Ray Renahan e Gregg Toland e dirigido com criterio e graça por Thornton Freeland.

Para os olhos, para o cerebro e para o espirito, *Whoopee* é um film agradavel. A comedia é espontanea e muito curiosa. Eddie Cantor, cantando, uma novidade! Eleanor Hunt uma pequena bonita e Paul Gregory o tipo do baritono de opereta... Ha bailados

REVISTA

com marcações de uma originalidade estupenda, como aquêle dos chapéus, por exemplo e quadros, como aquela *parade* de "indias" a cavalo que vale o preço da entrada. Em materia de carinhas bonitas, então, *Whoopee* é uma verdadeira maravilha! Cada *close up* é a revelação de uma possivel *estrela* para grandes films. E, juntos, apresentam notavel coezão.

A musica é muito boa e o aspéto geral é otimo. Vejam Eddie Cantor, as pequenas e o colorido. No genero, um bom film.

Cotação: — BOM.

MULHERES DE NEGOCIOS — (Big Business Girl) — Film da First National — Produção de 1931 — (Programa First National).

O Cinema está voltando gradativamente ao seu antigo ponto de parada, isto é, de onde o tirou o som para levá-lo ás regiões teatrais e das quais o trazem as opiniões de todos os povos, para o seu verdadeiro espirito: a linguagem fotografica e silenciosa das imagens, dêante da qual a palavra e o som não são mais do que simples apendices.

Devolvido, assim, o Cinema aos seus verdadeiros e antigos donos, está voltando a agradar. Diziam certos Cinematografistas diais que não eram os films falados que não prestavam e sim a crise é que era aguda em todos os pontos do mundo. Melhoraram os films e não melhorou a crise. O que se vê? Simplesmente isto: Cinemas abarrotados e mais público do que nunca para êste genero admiravel de diversão... Era crise?...

Entre os homens que conhecem Cinema, em Hollywood, está um, William A. Seiter, que já provou os seus conhecimentos em films esplendidos que nada de formidavel tiveram, mas que foram genuinas obras de merito Cinematografico. *Mulheres de Negocios* é trabalho seu e isto a gente sente logo que o film entra a se desenvolver. O cenario de Robert Lord, do argumento de Patricia Reilly e H. N Swanson, é bom e tem bastante Cinema. William A. Seiter deu vida agradavel ás suas sequencias e dirigindo sabiamente o seu bom elenco conseguiu um trabalho agradavel, fotogenico, bom, mesmo

Loretta Young, mais bonita do que nunca, se bem que um tanto ou quanto sem *it*, isto é, mais beleza morta do que beleza sensual, não é o tipo ideal para o papel, o que seria Joan Crawford, por exemplo. Assim mesmo, no entanto, vai muito bem e tem *close ups* de uma felicidade fotografica inebriante... Frank Albertson, mais simpatico e bom do que nunca e Ricardo Cortez, esplendido. Estas três figuras centrais do classico triangulo movem-se muito bem e vivem uma serie de sequencias feitas sob medida para os nossos temperamentos ardentes: maliciosas, sensuais e bonitas, mesmo. O principio é bastante ousado e as suas situações inebriam. Mas deixando os pequenos em companhia de *vóvó*, podem ir sem susto, mesmo levando a Julietinha que já deve estar pela idade do romance e saberá compreender e analisar a historia de Mac, Johnny e Clayton...

Dorothy Christy e Joan Blondell, esta cada vez mais malucamente fascinante, têm dois bons *bits*. Virginia Sale, Mickey Bennett, Bobby Gordon, Nancy Dover e Oscar Apfel, figuram.

Cotação: — BOM.

"Inspiração"

"Quartier Latin"

QUASI CAVALHEIROS — (Not Exactly Gentlemen) — Film da Fox — Produção de 1931.

Os três homens máus de John Ford revivido em fórma falada e dirigido por Benjamin Stoloff. Victor Mc Laglen, Lew Cody e Eddie Gribbon substituem Thomas Santchi, Frank Campeau e J. Farrell Mac Donald; Fay Wray substitue Olive Borden; David Worth e George O'Brien e Robert Warwickk a Lou Tellegen. Lembram-se dêsse film? A versão silenciosa, aliás, era melhor. Esta tem muitos altos e baixos e a não ser um numero muito restrito de bôas sequencias é quasi monotono.

Victor Mc Laglen, um tanto ou quanto deslocado, não compromete o film, todavia. Fay Wray, coitadinha, mal fotografada e até feia, pouco faz. Davi Worth é o tipo do galã de teatro de amadores que se estréa como *extra* numa peça de responsabilidade... Lew Cody e Eddie Gribbon querem fazer graça e ás vezes conseguem. Robert Warwick, velho e feio como sempre, vai bem. Franklin Farnum, lembram-se dêle?..., faz um capanga de Robert Warwick (outro antigo que volta com êste film!) e morre, rodando do topo de uma escada.

Continuámos preferindo os films de sertão feitos pela Paramount. Têm mais espontaneidade.

Carol Wines, Joyce Compton, Louise Huntington, James Farley, figuram.

Do argumento *Over the Border*, de Herman Whitacker e com cenario do ex-diretor Emmett Flynn, outro antigo que volta... (Teria a Fox feito alguma promessa de proteger a velhice desamparada para conseguir alguma cousa?...)

Em materia de fotografia não se pode desejar nada peor, a não ser um *shot*, aquêle que vem depois do encontro de Fay Wray com os *quasi cavalheiros*, isto é *os três homens máus*...

Ha apanhados que lembram a versão silenciosa, o que provocou em nós certas desconfianças...

As cenas da corrida são otimas e estão bem fotografadas.

Cotação: — REGULAR.

QUARTIER LATIN — (Quartier Latin) — Ufa — Produção 1929 — (Programa Urania).

Maurice Dekobra é um romancista de fama mundial e justo merito. Este film é tirado de uma de suas novelas e apesar de regularmente dirigido por A. Genina, o melhor dos presentes diretores italianos, não é o que se possa chamar um completo bom film. Tem certos momentos de indiscutivel beleza, tem, mas é normalmente comum, apenas.

Carmen Boni, mais bonita do que antes, Ivan Petrovitch, Augusto Bandini, Gina Manés, Nino Ottavi, Magnus Stiffter, Helga Thomas e Gaston Jacquet, figuram.

Bôa fotografia e algumas sequencias de valor. Má sincronização.

Cotação: — REGULAR.

VENEZA DOS MEUS AMORES — (Nuits de Venise) — Film da Tobis — Produção 1931 — (Programa V. R. Castro).

Film aceitavel e regularmente feito, com historia verosimil e agradavel e um elenco bom. Roger Treville, Janine Guise, ambos de teatro, embora, não vão mal e nem chegam a desagradar. Lucien Callamans, Maxudian, Germaine Noizet e Pierre Nay, figuram.

A direção é de Pierre Billon.

Cotação: — REGULAR.

APUROS DA REALEZA — (Misbehaving Ladies) — F. N. P. — Produção de 1930.

Refilmagem, falada, de *Heart to Heart*, (Frente a frente), ha anos feito pela mesma First National, com Mary Astor, Lloyd Hughes e os mesmos Lucien Littlefield e Louise Fazenda desta versão, assim, como o mesmo William Beaudine diretor. Desta feita Ben Lyon e Lila Lee têm os papeis amorosos e o film, apesar de falado, tem a mesma graça e o mesmo cuidado de produção do silencioso.

Podem vêr.

Cotação: — BOM.

O ZEPPELIN PERDIDO — (The Lost Zeppelin) — Tiffany — Produção 1930 — (Programa Serrador).

Acham, alguns, que a historia é inverosimil. Póde ser. Mas, absurdo ou não, a direção de Edward Sloman e Virginia Valli tornam o film assistivel. Além disso Ricardo Cortez tambem figura e, assim, contrabalançada está a presença de Conway Tearle que é um ponto a menos no valor de qualquer film, sempre.

Ha bons momentos e alguma emoção, apesar de saber-se que tudo foi feito dentro do Studio.

Cotação: — BOM.

O HIATE DOS SETE PECADOS — Ufa — Produção — (Prog. Urania).

Brigitte Helm num film absolutamente deficiente demais para o seu merito artistico. Argumento, cenario e direção despidos de colorido. Ela tem o papel de bailarina e apesar de todo seu *it* incontestavel, nada mais consegue do que agradar apenas com a sua presença e nada mais.

Cotação: — REGULAR.

LOIS MORAN...

Quando se casa, Lois?...

A IDADE DO TERROR

(F I M)

ameaças. Sabem muito. Falam muito. Comprometem muito. Quando algum amigo fala de Greta Garbo, temos a certeza de que ela se pudesse o liquidaria, á moda de Chicago...

Adrian, o desenhista da M. G. M., é uma das amisades de Greta Garbo. Quando ela viu os modelos que êle desenhara para o seu papel, em **Romance**, enviou-lhe umas orquidéas como presente e recordação grata do acontecimento que tanto a alegrára. Procuramo-lo. Êle, entretanto, pediu-nos, encarecidamente, que nada dissessemos, pelos jornais ou revistas, porque se o fizessemos, por acaso, perderia êle na certa a amisade dela...

Uma ocasião falei com a senhora de Jacques Feyder, o diretor belga da M. G. M. é uma das amisades de Greta Garbo. Ela me disse muito sobre a grande amisade que devota á estrela e terminou com esta frase caracteristica: "ah, se me fosse dado falar dela, um pouco que fosse, o quanto eu diria..." Mas terminou, depois da pausa que fez. "Ela vem aqui, brinca com meus filhos, é muito minha amiga e do Jacques. As crianças adoram-na. Sei que se falasse ela não viria me visitar mais..."

Não cremos, sinceramente, que em toda Hollywood exista um só artista celebre que, de fato, não tenha medo das amisades. Ha alguns que mantêm certas delas, porque não se podem das mesmas livrar e, além disso, tememnas pelo que possam dizer...

O que farei eu com meu dinheiro? Empregalo-ei a juros, arriscarei na bolsa, comprarei bens... o que farei?...

E' outra grande questão, outra grande pergunta de Hollywood.

Richard Dix experimentou o jogo. Êle tinha feito bons films. **O Apostolo**, entre êles.

— Depois entrei numa serie de **drogas**.

Disse-me êle

— Beijei minha avózinha e resolvi ter mais sorte. Continuei a ganhar muito dinheiro. Um dia empreguei-o em jogo. Mal, aliás... Quasi cavei minha propria ruina... Nem imagina o horror que tenho de ser falido. Pois foi justamente isso que fiquei... E, o que era peor, para mim, falido depois de ter sido riquissimo, mesmo. Quando se ganha 3 dollares não se teme nada. Quando se ganha 3 ou 4 mil, entretanto, o temor é enorme, é outro!

Ha anos, quando terminou o seu primeiro contrato com a M. G. M., tinha ela 50.000 dollares em bonus do governo. Hoje, com toda certeza, tem três ou quatro vezes essa importancia. Seu sucesso e sua carreira têm sido cousas que uma direção inteligente tem salvo radicalmente.

De outro lado, Blanche Sweet, coitada, não conseguiu isso. Casou-se, estragou sua carreira e não conseguiu por nada a salvo do que recebeu em paga dos seus prestimos...

Devo ser politico, com meu produtor, para conseguir melhores argumentos? devo ser o unico a escolher elencos, diretores, etc.?...

Enquanto não se é **estrela**, ninguem se importa com o que ganhamos e nem com o quanto recebemos. Se a história que me dão, entretanto, é má, ninguem disso quer saber. Do que querem saber, apenas, é que o film é meu e, assim, minha a responsabilidade. Se o diretor é terrivel, o film é de Joan Crawford, entretanto e é ela quem paga... O galã pode perder o film, entretanto, a **estrela** é Joan Crawford... Quem sofre é a **estrela**, apenas ela, unicamente ela! Antes de ser **estrela**, responsabilidade alguma me cabia. Fosse ou não fosse bem representado o meu papel, pouco importava. Mas quando me tornei **estrela**, confesso que me senti possuida de um temor intenso de fracasso...

Norma Shearer, além de esplendida artista, é uma politica de melhor especie. E' ela quem escolhe elencos, diretores e argumentos para viver. Dizem, alguns, que é privilegio que gosa por ser esposa do diretor geral de produção, Irving Thalberg. Não é verdade, entretanto, porque se ela não fosse esperta, inteligente, de nada lhe alheria escolher isto ou aquilo. Fracassaria, de qualquer forma. E' o seu valor que a faz vencer dessa forma.

Ruth Chatterton é outra excelente politica. Apesar de não constar do seu contrato nada disso, toma ela parte em todas as conferencias que se realizam no Studio em torno de argumentos para ela e, tambem, em todos os planos das suas produções. Feliz, inteligente, acima de tudo, tem conseguido ruidosos sucessos e, assim, provocou recentemente uma questão entre duas fabricas, a Paramount, que a tinha sob contrato e a Warner. Pois a Paramount conseguiu ficar com ela, quasi pelo dobro do que já vencia e ainda tendo grandes direitos sobre os planos gerais dos seus films.

Devo frequentar a sociedade de Hollywood? Devo aceitar convites para festas? Ou devo permanecer oculto, sem aparecer a ninguem?

Ivan Lebedeff é um que tem sido, sempre, das mais proeminentes figuras da sociedade de Hollywood e, em parte, foi isso mesmo que lhe valeu o novo e bom contrato que assinou com a RKO. Êle ainda está muito longe da posição de **astro**, por certo, mas tem caprichado muito e se fôr o que dêle esperam os seus chefes, talvez ainda venha a subir muito mais.

Lew Cody era outro que dava inumeras festas, figurava no rol de todas as recepções existentes em Hollywood. Na ocasião em que precisou de um amigo, foi esquecido por todos que nem sequer para um film foi lembrado, necessitado como andava. Gloria Swanson, entretanto, não se esqueceu. Deu-lhe a grande oportunidade, em **Que Viuva!**, film que êle roubou e lhe tem valido um regresso admiravel ao sucesso.

Se começar a fracassar, como **estrela**, devo aceitar papeis centrais, menos importantes embora e esquecer o passado de sucessos?

Se Mary Pickford deixar de ser a pequena que foi, nos films e entrar pelos papeis maternais, nos films, aceita-la-á assim o publico?...

Irene Rich, como **estrela**, fez **Lucrecia Lombard** e tinha Norma Shearer num dos outros papeis. Agora, entretanto, **Strangers May Kiss**, **estrelado** por Norma Shearer, tem Irene Rich num papel pequeno, quasi insignificante... Naquêles tempos ela recebia 3.600 dolares por semana. Hoje recebe apenas 1.750...

Diz Irene, a este respeito:

— Estava eu trabalhando em **The Mad Parade**, recentemente e James Flood foi visitar-me no **set**. Sabendo qual o papel de Evelyn Brent e vendo-a viver um certo trecho do film, disse-me êle: "Irene, que papel para você, ha dez anos!.." Se êle soubesse como me feriu, falando assim... Ser **estrela**, num film, é a mesma cousa que ser paciente, numa operação cirurgica. Torna-se a pessoa centro de todas as atenções. Dos medicos, das enfermeiras, dos que rodeiam a mesa, em geral. No **set**, os eletricistas, **operadores**, assistentes e diretor são o medico, as enfermeiras e os demais assistentes... Quando se foi **estrela** e, depois, vai-se trabalhar como simples figurante, a diferença que se sente é enorme... Ninguem corre para trazer uma cadeira e ninguem se importa quando derrubamos um lenço... E' terrivel ter-se sido **estrela** e decer-se, depois, ao degrau de baixo...

Norma Shearer, enquanto esperava o nascimento do filhinho, ativou seus estudos de voz e os seus conhecimentos de linguas estrangeiras. E' que ela inteligente como é, compreendeu que sofreria no conceito publico com o nascimento dêsse filho. Só poderia salvar o caso, portanto, apresentando-se ainda mais curiosa, para compensar...

Assim não fez Leatrice Joy. O resultado foi o seu gradual afastamento dos films.

Depois de **Don Juan**, Estelle Taylor conseguiu um esplendido contrato com a United Artists, a cêrca de 2 mil dollares semanais. Casou-se com Jack Dempsey, entretanto e, sendo mais conhecida, num instante, como "Madame" Dempsey, perdendo, portanto, parte da sua propria personalidade, tornou-se uma carta branca para o baralho da referida fabrica que, assim, preferiu pagá-la sem a usar, por todo o tempo do contrato, do que jogar com alguem que se apoiasse no nome do marido...

Eis alguns casos do "Terror" de Hollywood. Analizá-lo é conveniente, sem duvida.

DESHONRADA

(F I M)

— Sim, morto brilhantemente pela Patria. E sei que é leal ao seu país. Ha dias que vêm as nossas forças perdendo homens e mais homens em luta improfiqua. Ha três dias foram vinte mil ceifados. Hontem, mais dezoito mil...

Pela rua desfilava uma força qualquer e ouvia-se uma marcha militar.

— O Serviço Secreto, do qual sou chefe, precisa de si. Revela calma, presença de espirito, inteligencia e é patriota. Basta.

Dirigiram-se automaticamente á janela. Dalí avistavam os homens que marchavam na rua.

— Marcham para a morte. E' preciso que seja descoberto o homem ou a criatura que os traem e os entregam á morte.

— Quer, então, que eu seja uma espia?...

— Envergonha-se com o titulo?

– Não creio que tenha direito de me envergonhar com cousa alguma...

— Em troca terá uma casa riquissima, criados, condução e dinheiro á vontade.

— Apenas quero servir minha gente, minha Patria.

Seus olhos azuis sombrios, pensativos, fitavam o infinito.

— Advirto-a que o cargo que vai

ocupar é rasteiro, quasi vil... Terá ocasião de sugeitar-se a muito rebaixamento, talvez...

Pouco se me dá. Minha vida tem sido obscura. Poderá minha morte ser gloriosa, talvez...

O velho chamou um ajudante.

— Traga-me uma fotografia de Von Hindau.

Veiu.

— Creio que seja um traidor. Ainda não consegui comprovar o que digo. Êle conhece todos os meus auxiliares e só não conhece a si. Investigue, como seu primeiro trabalho.

E, ao telefone:

— Inscrevam-na. E' viuva do Capitão Koligrand e pode ter o numero vago: X 27. Serve diretamente sob minhas ordens.

Von Hindau é um espião russo, disfarçado em oficial austriaco foram presas faceis para X 27. Ambos encontraram na morte, pelo suicidio, o fim mais elegante para as suas vidas que a mulher espia ia semeando. A proxima aventura, entretanto, foi em Tarnov, aldêa russa, onde ela se achava, disfarçada em camponesa e apenas reconhecida pelo tenente Kronau, o homem atraz do qual viéra e aquêle que já tinha seu coração quasi dominado pelo amor. Fôra o unico que astutamente fugira entre seus dedos e o unico que a beijara de forma que ela jamais poderia esquecer...

Mas o Coronel Covrin é mais simples... Êles tocam a melodia favorita, um dia, quando alguem cheio de misterio aproxima-se, traz outra melodia. Aquilo chama a atenção dela. Tocam-na. Ela percebe que é o plano russo que vem disfarçado em notas e, ouvido puramente musical, grava impressionantemente a musica. Num lance feliz, essa mesma noite, consegue escapar á vigilancia de Von Kranau, que já a tem como prisioneira e, em aeroplano alcança as linhas austriacas.

Diante do chefe do serviço secreto, satisfeito com ela, senta-se ao piano. Força a memoria. As notas vêm, finalmente, pouco a pouco e recompõe-se a melodia. O departamento de tradução de cifras opera e em pouco menos de um dia estão os austriacos de posse de todos os planos da ofensiva e defesa russa.

Semanas depois Von Kranau e outros estão presos e esperando julgamento que será o fuzilamento, com certeza.

Ela consegue alguns minutos para falar a Von Kranau em seu cubiculo, a sós. São os suficientes para lhe facultar a fuga. E' o amor intenso a invadir-lhe o coração. Beijam-se antes que êle parta. Êle tambem a quer, ama-a, com certeza. Mas ha entre ambos a guerra e êles ocupam extremos opostos. Beijando-a, nequêle momento, êle sabe que será o ultimo beijo que lhe dará porque a morte a espera. Mas ha coragem em ambos e êle sente que não pertense a si proprio e, sim, á sua Patria. Ela, mais fraca. Mulher... Cede e entrega-lhe o coração.

Quando o jovem tenente lhe oferece a venda para que não assista ao apontar das armas contra si, com êle ela apenas enxuga as lagrimas daquêle moço que tem verdadeira fascinação por ela.

E' a morte da espia que não soube servir a Patria até ao fim.

Os tiros varam-na e ela tomba. Tivera vida obscura, mas morrera pelo amor...

(ESPECIAL PARA "CINEARTE")

HELEN CHANDLER

(FIM)

Ultimamente tem ela figurado ao lado de Ramon Novarro em **Daybreak**, film-romance que marcou sucesso durante a sua exibição e no qual ela tem um papel admiravel, muito adaptado ao seu temperamento e, em seguida, ao lado de Richard Barthelmess, outro artista esplendido, particularmente para melhorar a fama de artistas novos como Helen o é, em **The Last Flight** (**ex-Spent Bullets**, titulo antigo) e no qual ela tem um papel de grande relevo e merecimento.

E' brilhante o futuro que lhe é vaticinado por todos no Cinema. E' uma questão de tempo e uma questão de... dias de chuva!

Porque Loretta Young não foi feliz

CONCLUSÃO

Se lhe dissesse, aqui, antes da sua partida, êle me responderia, tenho certeza disso: "pois não vou, querida..." E sairia de casa para comprar-me uma caixa com rosas que lhe custariam perto de cincoenta dollares...

— E' facil provar o que digo Na primeira semana em que esteve ausente daqui, gastou quasi que o seu salario semanal todo em telefonemas para aqui, a minha procura. Quando eu lhe disse, pelo telefone, que não mais viveria com êle e êle me perguntou porque, contei tudo quanto sentia e que não o amava mais. A sua resposta foi tipicamente Grant Withers: "não me amas mais?... Pois voltarei e hei de reconquistarte, querida!".

— Êle se engana. O meu amor cessou e cessou para sempre. Não creio que exista, no mundo, cousa alguma que me faça amar Grant Withers novamente. Eu conheço, hoje, o que é felicidade conjugal e, bem por isso, não creio que o possa amar como eu penso amar, um dia, aquêle que de fato mereça o meu coração.

Para mim, garanto-lhe, o matrimonio foi uma amarga experiencia...

EVERYTHING'S ROSIE (RKO) — A diferença entre este film e um disco de vitrola, é que o disco ouve-se e não se vê gente tão cacete quanto Robert Woolsey, o astro dêste film... Anita Louise e John Darrow oferecem o elemento amoroso.

GOLD DUST GERTIE (Warner) — Film com pretenções a agradar, mas com conclusões de tremendo desastre... Olsen & Johnson e Winnie Lightner, lutam inutilmente.

SUBWAY EXPRESS (Columbia) — A unica novidade é que êle se passa, todo, num subway de New York. Jack Holt é "êle".

6 CYLINDER LOVE (Fox) — Uma farça regular que Spencer Tracy torna divertida. El Brendel, Sidney Fox e Edward E. Horton figuram.

WAITING AT THE CHURCH (RKO) — Um film de linha com uma história regular e aceitavel. Mary Brian, Marie Prevost, Geoffrey Kerr e Johnny Hines figuram e agradam.

KICK IN (Paramount) — Pobre Clara Bow. Tentam fazê-la dramatica, simpatica e emocionante, ao mesmo tempo, mas é uma tentativa vã... A história é velhissima e o tratamento, com a direção ao lado, em nada ajudam. Regis Toomey, bom, mas para que? Bôa experiencia, Clara, mas mau resultado...

CHANCES (F. N. P.) — Primeiro film estrelado por Douglas Fairbanks Jr. Dois irmãos que amam a mesma pequena. Não é um grande film, mas agrada. Anthony Bushell, bem. Rose Hobart, exquisita e fascinante, agrada.

DOROTHY BURGESS
CINEARTE

KOHOUT.
U.S.A.
A Pasta Odol dá brilho e brancura aos dentes:
o Liquido Odol completa a hygiene da bocca
evitando a carie e perfumando o halito.
ODOL